



**Escola Superior
de Educação**

Politécnico de Coimbra

Materiais Naturais como Meio de Expressão: A Contribuição das Artes Visuais para a Criatividade na Educação Pré-Escolar

Departamento de Formação de Educadores e Professores da Escola Superior de Educação de Coimbra

Mestrado em Educação Pré-Escolar



**Escola Superior
de Educação**

Politécnico de Coimbra

Leonia Tatiana Dos Santos Ferreira

Materiais Naturais como Meio de Expressão: A Contribuição das Artes Visuais para a
Criatividade na Educação Pré-Escolar

Relatório Final de Mestrado em Educação Pré-Escolar, apresentada ao Departamento de
Formação de Educadores e Professores da Escola Superior de Educação de Coimbra para
obtenção do grau de Mestre

Trabalho realizado sob a orientação do Professor Doutor Pedro Nuno Kosztyla Bandeira Maia

Junho, 2025

Agradecimentos

A conclusão deste trabalho final representa a realização de um sonho e a superação de um dos maiores desafios da minha vida. Um percurso marcado por momentos de superação, resiliência e crescimento pessoal. Durante esta caminhada ganhei mais consciência de quem sou e do que me move. Houve momentos de lágrimas, incerteza e muito cansaço que resultaram em conquistas, superações e muitas aprendizagens.

Termino esta jornada com o coração cheio, levando comigo memórias e amizades que me ajudaram a voltar a acreditar em mim. Já não sou a mesma pessoa, cheia de dúvidas, que entrou na Escola Superior de Educação de Coimbra. Hoje, sou uma versão mais forte, segura e confiante de mim mesma.

Agradeço, antes de tudo, aos meus pais, Fátima e Luis, pelo apoio, carinho e motivação que me deram ao longo desta caminhada. Sempre estiveram ao meu lado, mesmo quando pensei em desistir, dando-me força para continuar.

Ao meu irmão, Marcelo, agradeço por me ter trazido até Coimbra e por estar sempre presente para me apoiar e fazer sorrir, mesmo nos dias mais difíceis.

Ao meu namorado, Pedro, agradeço por todo o apoio e por tornar esta caminhada mais leve, ao mostrar-me que acreditar em mim fazia toda a diferença.

À minha melhor amiga, Mariana, deixo uma palavra de gratidão. Mesmo longe, estive sempre presente. A tua amizade foi essencial para me sentir amparada nos momentos mais desafiantes.

Ao meu orientador, Professor Doutor Pedro Maia, agradeço por ter aceitado acompanhar-me neste trabalho e por me orientar ao longo deste percurso.

À Educadora cooperante da prática educativa em contexto de pré-escolar, agradeço pela colaboração e apoio durante a intervenção.

A todas as crianças da Sala B, do ano letivo 2023/2024, deixo uma palavra de carinho e um sincero obrigado pelo afeto, pela espontaneidade e pelas aprendizagens que me proporcionaram. Foram parte fundamental desta experiência.

Por fim, agradeço a todos aqueles que, de alguma forma, se cruzaram comigo neste percurso. Em especial à minha colega de estágio em creche, Catarina, que tantas vezes me fez sorrir e tornou esta caminhada mais leve, e à minha colega Inês Pereira, por todo o apoio que me deu nesta caminhada.

A todos, o meu mais sincero obrigada!

Materiais Naturais como Meio de Expressão: A Contribuição das Artes Visuais para a Criatividade na Educação Pré-Escolar

Resumo:

O presente relatório, desenvolvido no âmbito do Mestrado em Educação Pré-Escolar da Escola Superior de Educação de Coimbra, apresenta um estudo de investigação-ação realizado durante a prática educativa no ano letivo de 2023/2024, num Jardim de Infância da rede pública, com um grupo de 21 crianças entre os 3 e os 6 anos.

Este estudo teve como objetivo compreender de que forma a utilização de materiais naturais em atividades de artes visuais pode favorecer o desenvolvimento da criatividade das crianças em contexto de jardim de infância. A definição do tema partiu da observação de um dos interesses comuns do grupo, especialmente pela natureza e pelas artes visuais. A partir dessa observação surgiu o projeto “Mãos que criam a natureza”, composto por quatro sessões: leitura do Livro *Esta Flor É Minha!* de Alice Hemming (2023), um passeio onde as crianças realizaram desenho à vista e recolheram materiais naturais, pintura com esses materiais e criação de escultura em barro.

A recolha de dados foi realizada através de observação participante, registos fotográficos e videográficos, gravação de áudios, entrevista com as crianças e análise das suas produções gráficas. Ao longo das sessões, verificou-se um desenvolvimento da criatividade, autonomia, imaginação e expressão pessoal das crianças. Verificou-se que a integração de elementos naturais nas práticas artísticas promove aprendizagens significativas e reforça a ligação das crianças com o ambiente. Conclui-se, assim, a importância de integrar regularmente estas práticas no contexto educativo, incentivando uma relação mais consciente e harmoniosa com o mundo que as rodeia.

Palavras-chave: Educação Pré-Escolar; Artes Visuais; Criatividade; Natureza; Desenvolvimento infantil

Natural Materials as a Means of Expression: The Contribution of the Visual Arts to Creativity in Preschool Education

Abstract:

This report, developed as part of the master's degree in Pre-School Education at the Coimbra School of Education, presents an action research study carried out during educational practice in the 2023/2024 school year, in a public kindergarten, with a group of 21 children between the ages of 3 and 6.

The aim of this study was to understand how the use of natural materials in visual arts activities can foster the development of children's creativity in a kindergarten setting. The theme was defined by observing the group's interests, especially in nature and the visual arts. This led to the project "Hands that create nature", which consisted of four sessions: reading the story *Esta Flor É Minha!* by Alice Hemming (2023), a walk where the children drew pictures and collected natural materials, painting with these materials and creating a clay sculpture.

Data was collected through participant observation, photographic and videographic recordings, audio recordings, interviews with the children and analysis of their graphic productions. Throughout the sessions, the children's creativity, autonomy, imagination and self-expression developed. It was found that integrating the natural environment into artistic practices promotes meaningful learning and strengthens the children's connection to the environment. This concludes the importance of regularly integrating these practices into the educational context, encouraging a more conscious and harmonious relationship with the world around them.

Keywords: Preschool Education; Visual Arts; Creativity; Nature; Child development

Sumário

INTRODUÇÃO	1
CAPÍTULO I- CONTEXTUALIZAÇÃO E APRESENTAÇÃO DO ESTUDO	4
1.1. Enquadramento e Justificação da Temática	5
1.2. Objetivos da Investigação	6
CAPÍTULO II- ENQUADRAMENTO TEÓRICO	7
2.1. Desenvolvimento das Crianças em Idade Pré-Escolar	8
2.1.1. Criatividade na Infância	9
2.2. As Artes Visuais na Educação Pré-Escolar	11
2.3. A importância do Lúdico na Expressão Artística	12
2.4. O Papel da Natureza no Crescimento e Bem-Estar Infantil	14
2.5. A Exploração de Materiais Naturais em Contexto de Jardim de Infância ...	15
2.6. Relação entre Arte e Natureza na Educação Pré-escolar	17
CAPÍTULO III- ENQUADRAMENTO METODOLÓGICO	19
3.1. Metodologia Investigação-Ação	20
3.2. Abordagem Qualitativa	21
3.3. Técnica de Recolha de dados	23
3.3.1. Observação Participante	23
3.3.2. Notas de Campo	24
3.3.3. Registo Fotográfico	25
3.3.4. Registo Videográfico e Gravação de Áudio	25
3.3.5. Registo das crianças- Desenhos, Pinturas e Esculturas	26
3.3.6. Entrevista com Crianças	27
CAPÍTULO IV- CONTEXTO SOCIOEDUCATIVO	28
4.1. Caracterização da Instituição	29
4.2. Caracterização do Grupo	30
4.3. Descrição da Rotina	31
CAPÍTULO V- INTERVENÇÃO EDUCATIVA	33
5.1. Proposta de Intervenção “Mãos que Criam a Natureza”	34
5.2. Descrição das Sessões	35
5.2.1. Primeira Sessão “Leitura da História”	35

5.2.2.	Segunda Sessão “Primavera pelos meus olhos”	36
5.2.3.	Terceira Sessão “Transformar a Natureza numa Folha”	37
5.2.4.	Quarta Sessão “Arte com os Tesouros da Natureza”	39
CAPÍTULO VI- APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS		40
6.1.	Apresentação e Análise dos Resultados	41
CONSIDERAÇÕES FINAIS		47
Conclusão.....		48
Limitações do Estudo.....		51
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....		52
APÊNDICES.....		60

Lista de abreviaturas

- 1. AAAF**-Atividades de Animação e Apoio à Família
- 2. IA**-Investigação-Ação
- 3. JI**-Jardim de Infância
- 4. OCEPE**-Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar
- 5. SNIPI**-Sistema Nacional de Saúde

Lista de Figuras

FIGURA 1 REALIZAÇÃO DO DESENHO À VISTA	37
FIGURA 2 RECOLHA DOS MATERIAIS NATURAIS	37
FIGURA 3 REALIZAÇÃO DE PINTURA COM MATERIAIS NATURAIS	38
FIGURA 4 REALIZAÇÃO DAS ESCULTURAS	39
FIGURA 5 RESULTADOS DA SESSÃO 2 "PRIMAVERA PELOS MEUS OLHOS"	43
FIGURA 6 RESULTADOS DA SESSÃO 3 " TRANSFORMAR A NATUREZA NUMA FOLHA"	44
FIGURA 7 RESULTADOS DA SESSÃO 4 "ARTE COM OS TESOUROS DA NATUREZA "	46
FIGURA 8 MATERIAIS RECOLHIDOS NA SESSÃO 2.....	68
FIGURA 9 REGISTO DA SESSÃO 2 “PRIMAVERA PELOS MEUS OLHOS”	69
FIGURA 10 REGISTO DA SESSÃO 3 “TRANSFORMAR A NATUREZA NUMA FOLHA”	70
FIGURA 11 REGISTO DA SESSÃO 4 “ARTE COM OS TESOUROS DA NATUREZA”	71

Lista de Tabelas

TABELA 1 SÍNTESE DAS SESSÕES.....	34
TABELA 2 SÍNTESE DAS APRENDIZAGENS PROMOVIDAS DURANTE AS ATIVIDADES	41
TABELA 3 ROTINAS DIÁRIAS	63
TABELA 4 PLANIFICAÇÃO DAS SESSÕES	64
TABELA 5 RESULTADOS DA SESSÃO 2 " PRIMAVERA PELOS MEUS OLHOS "	72
TABELA 6 RESULTADOS DA SESSÃO 3 " TRANSFORMAR A NATUREZA NUMA FOLHA "	76
TABELA 7 RESULTADOS DA SESSÃO 4 " ARTE COM OS TESOUROS DA NATUREZA "	79

INTRODUÇÃO

O presente relatório foi elaborado no âmbito da Unidade Curricular de Prática Educativa I, integrada no Mestrado em Educação Pré-Escolar da Escola Superior de Educação de Coimbra (ESEC), constituindo-se um requisito para a obtenção do grau de Mestre. Este apresenta um carácter investigativo e reflexivo, centrado no processo de intervenção pedagógica desenvolvido ao longo do estágio curricular, realizado no ano letivo 2023/2024, num jardim de infância da rede pública, com um grupo de 21 crianças com idades entre os 3 e os 6 anos.

Este estudo enquadra-se em diversas áreas presentes nas Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (OCEPE), nomeadamente nas áreas de Expressão e Comunicação, com especial enfoque no subdomínio das artes, e nas áreas do Conhecimento do Mundo e Formação Pessoal e Social.

A problemática do estudo emergiu ao longo do processo de observação do grupo no contexto de estágio. As crianças demonstraram um interesse comum pelas artes visuais, explorando essa área de forma espontânea, inclusive durante os momentos de brincadeira livre. Para além disso, mantinham uma relação muito positiva com o espaço exterior e com elementos naturais, que valorizavam e integravam nas suas experiências. Tendo em conta estes interesses, formulou-se a seguinte questão central:

“De que forma a utilização de materiais naturais nas artes visuais pode favorecer o desenvolvimento da criatividade das crianças no jardim de infância?”

A escolha deste tema assume particular relevância nos atuais contextos educativos, uma vez que a natureza tem vindo a afastar-se progressivamente dos contextos de vida das crianças. Esta realidade torna essencial a implementação de práticas que promovam uma maior aproximação ao mundo natural desde a primeira infância. Neste sentido, a integração de materiais naturais nas artes visuais pode constituir uma estratégia para fomentar a criatividade, enquanto contribui para fortalecer a ligação com a natureza, promovendo vivências mais profundas e significativas. Esta investigação procura, assim, contribuir para a reflexão sobre práticas pedagógicas que integrem esta abordagem.

O relatório está organizado em seis capítulos. O primeiro capítulo dedicado à contextualização e apresentação do estudo que introduz a problemática, a questão de

investigação e os objetivos do estudo. O segundo capítulo, corresponde ao enquadramento teórico onde é apresentada a revisão da literatura sobre as temáticas centrais da investigação.

O terceiro capítulo aborda o enquadramento metodológico, iniciando-se com a temática da investigação-ação, seguida da abordagem qualitativa e das técnicas de recolha de dados. O quarto capítulo descreve o contexto socioeducativo, incluindo a caracterização da instituição, do grupo e da rotina diária.

O quinto capítulo aborda a intervenção educativa, descrevendo as atividades desenvolvidas com o grupo, apoiadas por notas de campo, transcrição de áudios e fotografias. Já o sexto capítulo é dedicado à apresentação e análise dos resultados obtidos, sustentada por registos fotográficos e transcrição de áudios.

Nas considerações finais, apresenta-se uma reflexão crítica sobre o percurso do projeto de investigação, destacando-se as aprendizagens realizadas, o impacto da investigação no percurso formativo enquanto futura educadora e as limitações do estudo, incluído os desafios encontrados no contexto durante a implementação do projeto.

O relatório termina com a apresentação da bibliografia consultada e dos apêndices considerados relevantes para a compreensão global do trabalho.

CAPÍTULO I- CONTEXTUALIZAÇÃO E APRESENTAÇÃO DO ESTUDO

1.1. Enquadramento e Justificação da Temática

A criatividade pode assumir um papel relevante no desenvolvimento infantil. Como afirma Seabra (2015) “todos nascemos criativos, sendo, porém, essa criatividade aniquilada à medida que crescemos e somos inibidos por fatores externos” (p. 3).

Neste sentido, o contexto educativo desempenha um papel importante ao proporcionar experiências que estimulem a curiosidade natural das crianças. Silva et al. (2016) destacam que a criança possui uma curiosidade inata que contribui para a compreensão e atribuição de significado ao ambiente que a envolve, e que o educador deve criar um ambiente “culturalmente rico e estimulante” (p. 17), onde as crianças possam desenvolver a sua criatividade. Deste modo Seabra (2015) salienta que “atividades de exploração livre, são outra maneira de permitir que as crianças entrem no mundo da imaginação e criem sem barreiras” (p. 57), destacando a relevância de momentos em que a criança possa experimentar e criar de forma autónoma.

Considerando a importância da exploração livre no desenvolvimento infantil, as artes visuais, representam uma via significativa no contexto de Educação Pré-Escolar. Silva et al. (2016) referem que as crianças “têm prazer em explorar e utilizar diferentes materiais que lhes são disponibilizados para desenhar ou pintar” (p. 49), sublinhando o papel do educador na promoção de atividades que “desenvolvam a imaginação e as possibilidades de criação” (p. 49).

No contexto das artes visuais, a escolha dos materiais, como paus, pedras ou sementes, pode expandir as possibilidades criativas das crianças, enquanto reforça o contacto direto com a natureza. Segundo Barros et al. (2018) o contacto com a natureza fomenta “a criatividade, a iniciativa, a autoconfiança, a capacidade de escolha, de tomar decisões e de resolver problemas, o que por sua vez contribui para o desenvolvimento integral da criança” (p. 17). A exploração sensorial e simbólica dos materiais naturais pode proporcionar experiências criativas significativas. Weber (2020) acrescenta que os materiais naturais devem provocar nas crianças “sensações, sentimentos, envolvendo todo o seu pensamento, lhe capacitando à criação e ao imaginário” (p. 20).

Com base na observação de um grupo de crianças em idade pré-escolar e nas ideias anteriormente apresentadas, emergiu a questão que orienta este estudo:

“De que forma a utilização de materiais naturais nas artes visuais pode favorecer o desenvolvimento da criatividade das crianças no jardim de infância?”

Durante momentos de brincadeira livre, observou-se que as crianças se dedicavam frequentemente a atividades de artes visuais como desenho, pintura e colagem, de forma espontânea. Esta observação evidenciou que essas práticas podem constituir um meio para o desenvolvimento da criatividade, uma vez que as crianças apresentavam diversos registos gráficos variados. Verificou-se também que o grupo apresentava uma forte ligação ao meio exterior, uma vez que a instituição se localizava em contexto rural. Era comum as crianças terem contacto com a natureza e com os materiais por ela fornecidos, tanto na instituição como no ambiente familiar.

1.2. Objetivos da Investigação

O presente estudo visa compreender de que forma a relação entre as artes visuais e os materiais naturais podem estimular a criatividade das crianças na educação pré-escolar. Para tal foram definidos os seguintes objetivos, que orientaram o desenvolvimento da investigação:

- Analisar a importância das artes visuais na Educação Pré-Escolar;
- Compreender o papel da criatividade no desenvolvimento das crianças no Jardim de Infância;
- Identificar de que forma os materiais naturais contribuem para o desenvolvimento infantil e para a criatividade;
- Perceber de que modo a articulação entre as artes visuais e a natureza estimula a criatividade;
- Explorar estratégias diversificadas para a implementação das artes visuais no contexto de Jardim de Infância.

CAPÍTULO II- ENQUADRAMENTO TEÓRICO

2.1. Desenvolvimento das Crianças em Idade Pré-Escolar

O desenvolvimento das crianças em idade pré-escolar é um processo complexo, resultante da interação entre fatores biológicos, como o crescimento, bem como o contexto sociocultural em que a criança se insere (Silva et al., 2016; Ré, 2011). Este processo, não linear, constitui uma construção contínua, na qual fatores internos e estímulos externos se articulam, moldando o crescimento global da criança. Souza e Veríssimo (2015) sublinham que “o desenvolvimento infantil tem como antecedentes aspetos da gestação, fatores próprios das crianças, fatores do contexto, destacando as relações e o cuidado à criança” (p. 1097).

Nos primeiros anos, essa interação entre biologia e ambiente é determinante, estruturando a arquitetura cerebral (Souza & Veríssimo, 2015). Ré (2011) reforça que “é fundamental que ocorra uma ampla e adequada variação dos estímulos ambientais, favorecendo assim o desenvolvimento motor, cognitivo e afetivo-social” (p. 55). Deste modo, o ambiente ao oferecer estímulos variados, contribui significativamente para o desenvolvimento integral da criança, em diálogo como o seu crescimento biológico.

As interações sociais constituem um pilar essencial para o crescimento, promovendo competências cognitivas e emocionais. Folque (2006) destaca que “estas aprendizagens são feitas através de interações socioculturais enriquecidas por adultos e pares” (p. 5), evidenciando a importância da relação para as aprendizagens significativas. O educador neste processo, deve planejar intencionalmente o ambiente educativo, definindo estratégias que promovam o desenvolvimento integral do grupo (Moser, 2015).

A partir dessas interações, a criança assume um papel ativo no seu processo de desenvolvimento. Silva et al. (2016) destacam que “o desenvolvimento motor, social, emocional, cognitivo e linguístico da criança é um processo que decorre da interação entre a maturação biológica e as experiências proporcionadas pelo meio físico e social” (p. 8). Fonseca (2012) complementa, defendendo que, ao envolver-se ativamente com o meio, a criança amplia as suas formas de expressão e realiza aprendizagens significativas.

Os jogos simbólicos, que emergem espontaneamente na infância, ilustram essa dimensão ativa da criança no seu desenvolvimento. É frequente que nestas brincadeiras sejam criadas personagens, cenários, narrativas, o que revela o desenvolvimento da

capacidade de representação simbólica (Fonseca, 2012). Silva et al. (2016) sublinham que a criança é um “sujeito e agente do processo educativo” (p. 9) acrescentando que a participação ativa “promove a persistência, a autoconfiança e o gosto por aprender” (p. 37).

O desenvolvimento infantil configura-se como um processo global, no qual a criança participa através do brincar, das relações e do contacto com o mundo. Ao unir fatores biológicos, vínculos afetivos e experiências culturais, o ambiente educativo torna-se um espaço propício ao florescimento da criança, proporcionando uma infância rica em descobertas e significados.

2.1.1. Criatividade na Infância

A criatividade é uma capacidade complexa de definir, uma vez que as suas bases neurológicas ainda não são totalmente compreendidas (Dierssen, 2019). Segundo Fonseca (1998) o termo “‘criatividade’ ou ‘criação’ provém do verbo criar, da capacidade de dar existência a alguma coisa (...) de estabelecer relações até aí não concebidas (...) de inventar, de descobrir algo novo [e] ‘inovar’” (p. 16). Freire (2007) enriquece esta visão, descrevendo a criatividade como “um processo multifacetado, de nível distinto e ligado à inteligência, que envolve definição e redefinição de problemas [e a] combinação de conhecimento anterior numa nova forma de aplicação” (p. 46). Ser criativo implica, assim, ter um olhar inovador sobre o existente, exigindo pensamento crítico e reorganização do conhecimento em interação com o mundo.

Este processo criativo não se limita à resolução de problemas, estende-se à dimensão simbólica e formativa do ser humano. Cavalcanti (2006) afirma que “criar exercita a nossa dimensão humana” (p. 91), destacando que “quanto mais formos [capazes] de simbolizar, compreender e interpretar o mundo mais nos humanizamos.” (p. 91). A criatividade está, pois, intrinsecamente ligada ao desenvolvimento do simbólico e à formação pessoal, estimulada por experiências que promovam o pensamento divergente, o qual aceita múltiplas soluções para um mesmo problema (Gonçalves, 1991).

No contexto educativo, a criatividade assume particular relevância ao fomentar a autonomia e o pensamento crítico das crianças. Moser (2015) defende que o educador

deve promover esta competência, capacitando a criança para resolver autonomamente os desafios do quotidiano. Garcês & Pocinho (2007) reforçam que a educação é um domínio para desenvolver o potencial criativo, exigindo uma prática pedagógica intencional e reflexiva, sensível às dinâmicas do Jardim de Infância.

A Imaginação, enquanto componente essencial da criatividade, constitui uma função vital para o desenvolvimento humano, sendo construída histórica e culturalmente, como destacam Costa & Rocha (2019), com base em Vygotsky¹. O potencial criativo da criança emerge das interações sociais e do ambiente educativo, sendo moldado pelas experiências vividas. Ribeiro (2018), oferece uma perspetiva complementar, ao considerar que embora a imaginação infantil se manifeste de forma mais livre, ela é também menos orientada e menos rica do que a do adulto, devido à imaturidade, e à limitada bagagem cultural.

A atividade lúdica, ao fortalecer a imaginação, desempenha um papel central no estímulo ao pensamento criativo. Dias e Moura (2007) enfatizam que “cultivar o pensamento criativo, desenvolvendo com os educandos as habilidades de perceberem lacunas, definirem problemas, [...], testar soluções e elaborarem planos para a implementação das soluções escolhidas, é indispensável no processo educativo” (p. 67). Este enfoque valoriza ideias inovadoras, mais do que produtos finais, destacando a relevância da criatividade na atualidade (Dias & Moura, 2007).

A criatividade revela-se uma dimensão essencial do desenvolvimento humano e educativo, ao potenciar o pensamento crítico, a imaginação e a autonomia. Como afirmam Gloton e Clero (1997), “a atividade criadora constitui uma necessidade biológica cuja satisfação é absolutamente necessária para o desenvolvimento ótimo do ser humano em crescimento” (p. 42).

¹ Lev Vygotsky (1896-1934) foi um psicólogo bielo-russo que realizou pesquisas na área do desenvolvimento intelectual infantil, destacando o papel das relações sociais na aprendizagem. É considerado o precursor do pensamento Sócio-Construtivista.

2.2. As Artes Visuais na Educação Pré-Escolar

Na Educação Pré-Escolar, a educação artística desempenha um papel central no desenvolvimento integral da criança, promovendo a criatividade, a expressão emocional e a percepção do mundo. As artes visuais, estão presentes desde a primeira infância, muitas vezes antes da presença no jardim de infância (Silva et al., 2016). Botelho & Dias (2021) destacam que “as artes visuais surgem na vida da criança como uma atividade livre, natural e espontânea” (p. 57), refletindo uma ligação instintiva a diversas formas de expressão.

No Jardim de Infância (JI), é crucial oferecer experiências artísticas diversificadas e significativas. Godinho & Brito (2010) sublinham que as crianças devem “experimentar (...) distintos papéis de executante, criador, e apreciador, já que nessa vivência desta tripla experiência artística, diferentes significados e competências serão desenvolvidos” (p. 11). Esta abordagem estimula a expressão individual e a interação com diversas formas de arte funcionando como uma “forma de expressão das necessidades da [criança] e do modo como esta observa o mundo” (Botelho & Dias, p. 57).

As Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar reforçam que a intencionalidade do educador é fundamental para estimular a criatividade das crianças, promovendo o desenvolvimento da sua capacidade de representação simbólica e o aprimoramento do sentido estético (Silva et al., 2016). Silva et al. (2000) consideram que as artes constituem uma componente essencial da educação básica, sublinhando a importância de garantir a sua presença ao longo do percurso formativo de todas as crianças.

As artes visuais constituem um campo diversificado, englobando pintura, desenho, escultura, arquitetura, gravura, fotografia e outras manifestações (Silva et al., 2016). Embora predominantemente associadas à percepção visual, estas formas de expressão também estimulam outros sentidos, promovendo a exploração de materiais e técnicas diversificadas (Silva et al., 2016). Reis (2003), destaca a importância de disponibilizar “várias cores que lhes possibilitem escolher e utilizar diferentes formas de combinação” (p. 184).

Para que as experiências sejam significativas, o educador deve criar um ambiente que valorize o processo artístico e a expressão pessoal em vez de se centrar no resultado. Sousa (2019) afirma que “a expressão plástica é [...] uma atitude pedagógica diferente, não centrada na produção de obras de arte, mas na criança, no desenvolvimento das suas capacidades e na satisfação das suas necessidades” (p. 160). O mesmo autor defende que as artes plásticas devem adaptar-se à criança, e não o contrário.

Reis (2003) salienta a importância de um espaço educativo harmonioso enquanto Botelho & Dias (2021) destacam o papel do educador em fomentar a criatividade através da oferta de materiais variados. Com intencionalidade educativa, o ambiente torna-se um espaço onde as crianças exploram, interagem e constroem aprendizagens significativas, fortalecendo a sua confiança e expressão criativa.

A nível internacional, a UNESCO (2006) considera que “a cultura e a arte são componentes essenciais de uma educação completa que conduza ao pleno desenvolvimento do indivíduo” (p. 5), defende que “a arte deve ser apresentada gradualmente aos educandos por meio de práticas e experiências artísticas” (p.10), e que esta deve “manter o valor não só do resultado do processo, mas do próprio processo em si.” (p. 10). Bourriald (2009), complementa ao afirmar que, “a arte é uma atividade que consiste em produzir relações com o mundo” (p.1 47), sendo a educação um espaço ideal para esta construção relacional e cultural.

As artes visuais são, assim, fundamentais na Educação Pré-Escolar, promovendo o desenvolvimento integral das crianças e criando através da expressão, criatividade e interação com o mundo, um ambiente que valoriza o processo artístico e a singularidade de cada criança.

2.3. A importância do Lúdico na Expressão Artística

Na educação artística, o lúdico não deve ser compreendido unicamente como uma forma de brincar, mas como uma via essencial de expressão, experimentação e construção do sentido. Através da interação com materiais e linguagens visuais, a criança desenvolve não apenas competências artísticas, mas também cognitivas, emocionais e sociais. Pinto & Tavares (2010) destacam que, o lúdico permite à criança conhecer o seu

corpo, mobilizar experiências e desenvolver o pensamento. Santos e Menezes (2021) reforçam que brincar simbolicamente possibilita à criança apropriar-se da sua realidade, traduzindo-se em formas expressivas.

A partir dos dois anos, o jogo simbólico marca o desenvolvimento, permitindo à criança representar objetos ausentes e consolidar vivências através do simbolismo (Fonseca, 2021). Lima (2019) salienta que o faz-de-conta, prepara as crianças para o universo lúdico, mobilizando “habilidades [...] como memorização, imaginação, atenção” (p. 26) e promovendo a socialização. Este processo, mais do que espontâneo, organiza o pensamento e a linguagem, permitindo à criança relacionar-se com o mundo de forma criativa e reflexiva.

A imaginação presente tanto no faz-de-conta como na criação artística, impulsiona a representação simbólica. Salomão et al. (2007) afirmam que, as crianças ao brincar, recriam a realidade, atribuindo-lhe novos sentidos. Pinto & Tavares (2010) sublinham que o lúdico fomenta “habilidades, autonomia, responsabilidades [e] senso crítico” (p. 233), além de promover prazer e respeito mútuo. O lúdico, ao fomentar práticas como o faz-de-conta, não só educa, mas também celebra a individualidade, conectando a criança ao seu potencial criativo de forma natural.

O domínio artístico amplia as experiências lúdicas, oferecendo um espaço de invenção. Salomão et al. (2007) explicam que as artes plásticas, com materiais diversos ensinam a transformar formas e texturas. Esta interação com o mundo material estimula a reinterpretar vivências, construindo imagens subjetivas que refletem o seu universo emocional e imaginativo.

O cruzamento entre o lúdico e as artes visuais potencia a expressividade, permitindo à criança dar forma à emoção e às ideias. Dohme (2004) reforça que “o trabalho com arte oferece [...] autoexpressão, [...] habilidades manuais, estéticas e [...] criatividade.” (p. 5). Assim, o lúdico constitui-se como um alicerce da educação artística, promovendo um desenvolvimento integral que integra cognição, afeto e sociabilidade, convidando a criança a imaginar e transformar a realidade.

2.4. O Papel da Natureza no Crescimento e Bem-Estar Infantil

O meio natural proporciona às crianças oportunidades únicas de descoberta, movimento e bem-estar. Ao estimular os sentidos, promove o equilíbrio emocional, desenvolve a autonomia e apoia o crescimento global da criança. L'Ecuyer (2016) destaca que a criança tem uma afinidade natural com a natureza. Esta afinidade é essencial para o seu desenvolvimento, uma vez que o contacto direto com o meio natural, torna-se “uma das primeiras janelas de curiosidade da criança” (L'Ecuyer, 2016, p. 77).

Esse contacto com a natureza favorece e desperta a imaginação. L'Ecuyer (2016) afirma que “a natureza faz com que as crianças sejam capazes de manter a atenção durante horas” (p.80). Hanscom (2018), complementa, sublinhando que “o ar livre desperta e rejuvenesce a mente, e envolve todos os sentidos simultaneamente” (p. 15). Neto (2020) reforça que a interação com o meio natural proporciona estímulos visuais, auditivos, táteis e olfativos, ativando as capacidades sensoriais e percetivas das crianças.

Na natureza as crianças enfrentam desafios a vários níveis. Hanscom (2018) sublinha que “as crianças aprendem a correr riscos, a ultrapassar medos, a fazer amigos, a regular emoções e a criar mundos imaginários” (p. 15), evidenciando como o espaço natural contribui para um desenvolvimento emocional e social mais equilibrado. Para além do desenvolvimento emocional e social, o contacto com a natureza estimula o movimento, a criatividade e a diversidade de experiências físicas. Neto (2020), destaca que

educar através da exploração da Natureza promove de forma explícita o convite [ao] brincar, ao ser ativo e [à] mudança de padrões de jogo, devido à multiplicidade de contraste nas superfícies e variantes dos declives do terreno, tipos de vegetação e de árvores, alternativas climatéricas, fauna, locais secretos, materiais soltos estruturas trepáveis, entre outros. (p. 153).

A convivência contínua com o ambiente natural cultiva respeito e cuidado pelo planeta, despertando nas crianças a consciência da importância de todos os seres vivos (Bilton et al., 2017). Para além disso, estas experiências ajudam a desenvolver qualidades como paciência, autocontrolo e a resiliência, ao mostrar os variados ritmos dos processos

naturais (L'Ecuyer, 2016). Esta ligação direta com a natureza promove um desenvolvimento emocional e ético que prepara as crianças para enfrentar desafios pessoais e coletivos com maior equilíbrio e responsabilidade.

A consciência ecológica nasce da ligação afetiva com a natureza. Barros et al. (2018), defendem que vivências afetivas com o ambiente natural cultivam um cuidado amoroso, essencial à preservação. Zanon (2018) complementa que a “natureza nos inspira a experimentar uma forma potente de relação com o próximo, e a participar de forma mais ativa [nos] processos de transformação para construirmos coletivamente o mundo que queremos ter” (p. 9).

Barros et al. (2018) reforça que “brincar na natureza é um direito humano porque corresponde à necessidade de integridade do ser, esse direito se [materializa com o] acesso ao universo que está para além das paredes e dos muros escolares.” (p. 10). Assim, garantir esse direito é uma responsabilidade compartilhada entre educadores, famílias e comunidades, com vista a promover o bem-estar das crianças e a preservação do meio ambiente.

O contacto com a natureza durante a infância contribui para o desenvolvimento físico, sensorial e cognitivo, além de estimular a criatividade e promover valores como o respeito e o cuidado. Essa ligação com meio natural é fundamental para formar indivíduos críticos e éticos, capazes de se conectarem com o mundo. Como refere Neto (2020), “a nossa infância é profundamente marcada pelas experiências de contacto com a natureza, efetuadas em companhia dos pais, educadores, amigos e também sozinhos” (p. 151).

2.5. A Exploração de Materiais Naturais em Contexto de Jardim de Infância

Os materiais naturais sempre estiveram desde sempre presentes nas brincadeiras infantis, oferecendo múltiplas possibilidades de exploração, criação e descoberta, essenciais no desenvolvimento da criança. Esta ligação profunda entre infância e natureza é destacada por Sarmento et al. (2017), que referem que “durante milhares de anos, a natureza constituiu-se como a primeira grande ludoteca, alimentando, com os seus recursos naturais” (p. 18), as brincadeiras das crianças. Contudo, apesar da sua relevância histórica e do seu potencial educativo, tem-se assistido a um progressivo afastamento das

crianças do mundo natural, sendo crucial recuperar e valorizar essas experiências no contexto educativo atual.

Numa altura em que muitos materiais chegam às crianças com funções predefinidas, os elementos naturais proporcionam liberdade para explorar, criar e imaginar. Hanscom (2018) sublinha que “os objetos na natureza [...] [que] parecem [não] ter nenhuma função inerente ou utilidade inspiram as crianças a usar a sua imaginação, a desafiar o seu pensamento e a testar os seus limites físicos” (p. 98). Paus, pedras, folhas ou sementes abrem espaço para novas formas de brincar e aprender, estimulando tanto o corpo como a mente.

A exploração destes elementos encontra-se intrinsecamente ligada à curiosidade natural da criança e ao seu desejo de compreender o mundo (Bilton et al., 2017). Essa curiosidade permite que a criança descubra múltiplas formas de utilizar os objetos, atribuindo-lhes funções e significados distintos. Hanscom (2018) complementa afirmando que “uma pinha pode transformar-se em qualquer coisa” (p. 101), ilustrando a capacidade da criança de reinventar os elementos que explora.

O uso de materiais naturais favorece a construção de conhecimentos em diversas áreas, proporcionando-se um ambiente de aprendizagem que valoriza tanto o pensamento lógico como a expressão criativa. Bilton et al. (2017) destacam que “neste processo de constante reinvenção e atribuição de novos sentidos aos objetos, torna-se possível observar a mobilização de noções relacionais com ciência, matemática entre outros” (p. 49).

Para que estas experiências sejam significativas, é essencial garantir a diversidade e a qualidade dos recursos oferecidos. Silva et al. (2016) defendem que “a escolha de materiais deverá atender a critérios de qualidade e variedade, baseados na funcionalidade, versatilidade, durabilidade, segurança e valor estético.” (p. 26). Estes materiais, por sua vez, promovem a criatividade, a consciência ecológica e a colaboração com a comunidade (Silva et al. 2016).

Barros et al. (2018) acrescentam que elementos como “restos de madeiras [...], sementes, pedras, palha, conchas” (p. 78) entre outros, constituem um verdadeiro convite ao jogo simbólico e à criação, pois “ampliam o repertório e a imprevisibilidade das

narrativas e experiências, expandindo a autoria do fazer e do aprender” (p. 78). Esta perspectiva é reforçada por Post e Hohmam (2003), que salientam que materiais aparentemente banais ou pouco interessantes para os adultos podem revelar-se altamente envolventes para as crianças.

Do ponto de vista pedagógico, a utilização destes materiais não exclui a presença do adulto, mas exige uma mediação sensível, que conjugue liberdade com suporte. Bilton et al. (2017) referem que, a criança deve dispor de espaço para “[testar] os seus limites e [tomar] decisões, de forma autónoma” (p. 69), sem que isso invalide “o valor do papel do adulto nas situações de desafio, seja como observador ou participante ativo” (p. 69).

O valor estético e expressivo destes materiais também assume particular relevância. Webber (2020) defende que devem “convidar ao brincar”, despertando sensações e pensamentos, e permitindo “a liberdade de criação, de expressão e de toda uma gama de conhecimentos para um desenvolvimento saudável e pleno de todo o seu ser.” (p. 13).

Os materiais naturais são fundamentais para promover a criatividade, a autonomia e a consciência ecológica das crianças. Integrá-los no contexto educativo fortalece a ligação com o meio natural, incentivando vivências lúdicas e significativas que contribuem para o desenvolvimento integral e uma relação harmoniosa com o mundo.

2.6. Relação entre Arte e Natureza na Educação Pré-Escolar

A arte e a natureza mantêm uma relação próxima desde tempos ancestrais. Santos (2023) refere que “os nossos antepassados usavam as artes plásticas para descrever o mundo e comunicar aquilo que viam à sua volta” (p. 34), recorrendo a materiais naturais. Esta prática revela uma ligação intrínseca entre o ser humano e o meio natural, evidenciando como, desde cedo, a criação artística serviu para observar, compreender e dar forma ao mundo que o rodeava.

Com o passar do tempo, novos materiais e técnicas de expressão foram sendo introduzidos. Contudo, apesar da sofisticação dos recursos atualmente disponíveis, a ligação entre arte e a natureza mantém um enorme potencial educativo, especialmente na infância. Neste sentido, Silva et al. (2016) defendem que os educadores devem criar

“oportunidades frequentes e diversificadas de contacto das crianças com a natureza, levando-as a observá-la, a conhecê-la e a apreciá-la” (p. 92), promovendo um espaço privilegiado para a criação artística e para a exploração ativa.

A expressão plástica com elementos naturais vai além da arte, funcionando como ferramenta de aprendizagem. Ao manipular materiais como folhas, paus, pedras, flores entre outros, as crianças desenvolvem habilidades motoras e exploram propriedades físicas, como a textura e a forma. Silva et al. (2016) afirmam que os recursos naturais, ao serem manipulados e redefinidos com novas funções, ajudam a criança a compreender a inseparabilidade entre vida e arte. Santos (2023) reforça que, ao utilizarem tais recursos, as crianças criam, aprendem, e desenvolvem autonomia, autoconfiança e uma compreensão mais profunda do mundo.

O meio natural constitui um verdadeiro espaço pedagógico, como destaca Santos (2023) “a nossa capacidade de criar, produzir e inventar surge em qualquer lugar, principalmente na natureza com a sua panóplia de elementos” (p. 34). Bilton et al (2017) complementam que “a natureza é gratuita, está sempre em mudança e a surpreender, sendo importante tirar partido das suas potencialidades e apoiar as crianças na sua procura de compreensão do mundo e de si próprias” (p. 64). Esta perspetiva realça como a exploração ativa estimula a expressão individual, resolução de problemas e a imaginação.

Dada a riqueza dos elementos naturais para a expressão plástica, é essencial repensar a estruturação do ambiente educativo, reconhecendo na natureza um recurso valioso para o desenvolvimento da criatividade, autonomia e expressão das crianças. Durante o contacto com meio natural, deve-se proporcionar espaço e tempo para que as crianças possam explorar experimentar e aprender, apropriando-se de forma criativa e artística das múltiplas possibilidades que os elementos naturais oferecem.

CAPÍTULO III- ENQUADRAMENTO METODOLÓGICO

3.1. Metodologia Investigação-Ação

A investigação-ação (IA) constitui uma estratégia metodológica adequada ao contexto educativo, destacando-se pelo seu potencial transformador e pela articulação entre ação e reflexão crítica. Segundo Coutinho et al. (2009), “a investigação-ação pode ser descrita como uma família de metodologias de investigação que incluem acção (ou mudança) e investigação (ou compreensão) ao mesmo tempo, utilizando um processo cíclico ou em espiral, que alterna entre acção e reflexão crítica.” (p. 360).

Uma das principais características da investigação-ação é a sua componente colaborativa. De acordo com Sousa (2009) esta metodologia envolve o adulto atuando com as crianças, sendo que muitas investigações deste tipo são realizadas pelos próprios educadores no contexto educativo. Esta ideia é reforçada por Denscombe (2010) ao afirmar que “a investigação-ação(...) insiste em que os profissionais devem ser participantes, não apenas no sentido de tomarem parte na investigação, mas no sentido de serem parceiros na investigação.” (p. 130). Neste sentido Kemmis (2006) aprofunda esta perspetiva ao referir que se deve “repensar as iniciativas de investigação-ação como criação de espaços intersubjetivos para o discurso público em esferas públicas” (p. 459).

Para além da colaboração, a investigação-ação distingue-se pela centralidade na prática e na sua transformação. Segundo Coutinho et al. (2009), essa transformação da prática social e educativa envolve tanto a melhoria quanto a compreensão da própria prática. Kemmis (2006), reforça esta ideia ao afirmar que “a investigação-ação e a investigação prática de excelência serão críticas e transformadoras” (p. 470). Acrescenta ainda que, “a investigação-ação deve ser capaz de ‘dizer verdades indesejáveis’ contra a escolarização no interesse da educação” (p. 459).

A natureza cíclica é também uma das suas marcas distintivas. De acordo com Coutinho et al. (2009) “na I-A observamos um conjunto de fases que se desenvolvem de forma contínua e basicamente, se resumem na sequência: planificação, ação observação (avaliação) e reflexão (teorização)” (p. 366). Segundo os mesmos autores, os processos de investigação-ação desenvolvem-se de forma cíclica, sendo cada ciclo de reflexão e ação o ponto de partida para novas aprendizagens e experiências reflexivas.

No contexto educativo, a investigação-ação favorece o desenvolvimento profissional do docente, pois permite uma análise crítica da sua própria prática e a construção de respostas para os desafios que enfrenta. Alarcão (2001) afirma que formar-se para ser docente investigador exige desenvolvimento de competências para investigar “na, sobre e para a acção educativa” (p. 6). Nesta linha, Coutinho et al. (2009), referem que a exploração reflexiva que o educador faz da sua prática é fundamental, pois contribui tanto para a resolução de problemas identificados como para a planificação e introdução de alterações na atuação pedagógica.

Como investigadora, esta metodologia permitiu-me refletir criticamente sobre todas as etapas do processo da minha prática pedagógica. Ao longo da investigação, revi estratégias, reformulei decisões e compreendi melhor as necessidades do grupo, evidenciando o carácter cíclico e transformador da investigação-ação.

3.2. Abordagem Qualitativa

A presente investigação adota uma abordagem qualitativa, com o objetivo de interpretar e compreender os fenómenos educativos no seu contexto real. Esta abordagem procura captar os significados que os participantes atribuem às experiências que vivem, bem como os processos de ensino e aprendizagem e as interações sociais que ocorrem no ambiente educativo.

Como refere Coutinho (2023) a perspetiva qualitativa visa “investigar ideias, (...) descobrir significados nas ações individuais e nas interações sociais a partir da perspetiva dos atores intervenientes no processo” (p. 28). Silva (2013), complementa esta perspetiva, afirmando que a metodologia qualitativa centra-se na “procura do significado da acção construído pelos actores para compreender o modo como o sistema social funciona, pois, o social é uma dimensão pejada de significados” (p. 3).

Carmo & Ferreira (2008), contribuem significativamente para a definição desta abordagem, salientando a sua natureza descritiva, indutiva, naturalista e holística. Segundo os autores “a descrição deve ser rigorosa e resultar directamente dos dados recolhidos” (Carmo & Ferreira, p. 198), sendo que os investigadores “tendem a analisar a informação de uma ‘forma indutiva’. Desenvolvem conceitos e chegam à compreensão

dos fenómenos a partir de padrões provenientes da recolha de dados” (Carmo & Ferreira, p. 197). Assim, o conhecimento é construído com base na observação direta e na interpretação dos dados no seu ambiente natural.

Neste sentido, Bogdan & Biklen (1994) sublinham que “o investigador frequenta os locais em que naturalmente se verificam fenómenos nos quais está interessado, incidindo dados recolhidos nos comportamentos naturais das pessoas” (p. 17).

Carmo & Ferreira (2008) destacam ainda que a investigação qualitativa se desenvolve em contextos reais, onde “a fonte directa de dados são as situações consideradas ‘naturais’. Os investigadores interagem também com os sujeitos de uma forma ‘natural’ e, sobretudo, discreta.” (p. 198). Além disso, sublinham uma perspetiva holística, ao defenderem que “os investigadores têm em conta a ‘realidade global’. Os indivíduos, os grupos e as situações não são reduzidos a variáveis, mas são vistos como um todo” (Carmo & Ferreira, p. 198).

Outro aspeto fundamental da abordagem qualitativa é a valorização do investigador como instrumento de recolha de dados. É ele quem observa, interpreta e media a investigação, isso exige sensibilidade, escuta ativa e constante reflexão. Carmo & Ferreira (2008) sublinham que “a validade e a fiabilidade dos dados depende muito da sua sensibilidade, conhecimento e experiência” (p. 199). De igual modo, Bogdan e Biklen (1994) salientam que, na investigação qualitativa, o próprio investigador deve ser o principal instrumento de recolha de dados, permitindo que os participantes partilhem livremente as suas perspetivas sobre o tema em estudo.

Deste modo, a abordagem qualitativa permite ao investigador não apenas recolher dados, mas também envolver-se ativamente na construção do conhecimento, com base na escuta, e na interpretação do contexto. Durante a realização deste estudo, procurei adotar essa postura, reconhecendo que a escuta atenta, a empatia e a observação foram essenciais para compreender os significados atribuídos pelas crianças às experiências vividas. Esta abordagem exigiu de mim não só sensibilidade e atenção constante, mas também uma atitude reflexiva face às minhas próprias interpretações. Isso contribuiu para uma compreensão mais profunda do contexto educativo, dos participantes e das dinâmicas em estudo.

3.3. Técnica de Recolha de dados

Os instrumentos utilizados na recolha de dados foram fundamentais para a realização do presente estudo. Esta recolha foi efetuada através de diversos métodos, nomeadamente a observação direta, notas de campo, registos fotográficos, gravações de áudio, registo das crianças (desenho, pinturas e esculturas) e entrevistas (apêndice 1) aplicadas às crianças participantes nas propostas. Para a realização do presente estudo, foi entregue aos encarregados de educação um pedido de autorização para a recolha de imagens, conforme o apresentado no apêndice 2. Como refere Bisquerra (1989 como citado por Sousa, 2009) “ ‘técnicas de recolha de dados’ são os meios técnicos que se utilizam para registar as observações ou facilitar o tratamento experimental” (p. 181).

3.3.1. Observação Participante

A observação participante é uma técnica de recolha de dados caracterizada pela presença ativa do investigador no campo. Segundo Mónico et al. (2017), esta abordagem permite “uma perspetiva holística e natural das matérias a serem estudadas” (p. 731). De acordo com os mesmos autores, o envolvimento contínuo do investigador com os participantes proporciona condições privilegiadas para aceder de forma autêntica às interações e significados presentes no contexto estudado (Mónico et al. 2017).

A presença no terreno e o contacto direto com os participantes são elementos essenciais dessa técnica. Completando esta visão, Creswell (2010) destaca que “os pesquisadores qualitativos tendem a coletar dados no campo e no local em que os participantes vivenciam a questão ou problema que está sendo estudado [...] por meio da conversa direta com as pessoas e da observação de como elas se comportam e agem dentro do seu contexto” (p. 208). Para que a observação seja eficaz, Correia (2009) sublinha a importância de “treino disciplinado, preparação cuidada e conjuga alguns atributos indispensáveis ao observador-investigador, tais como atenção, sensibilidade e paciência” (p. 35).

Gonçalves (2004) também reforça que “a observação, designadamente a participante, é uma actividade e um processo social complexo. Habitualmente pouco codificada, requer, apesar de tudo, múltiplos cuidados” (p. 67) e que “a qualidade e o

rendimento da observação dependem do delineamento prévio dos objectivos, bem como do treino e do repertório teórico do investigador” (p. 67).

Considerando os pressupostos teóricos da observação participante, adotei uma postura ativa ao longo do trabalho de campo. Durante as atividades, interagi com as crianças de forma cuidadosa, procurando não interferir nos resultados das propostas. Esta interação possibilitou uma observação mais atenta e contextualizada dos comportamentos e produções. A conversa informal com as crianças, em diversos momentos, foi essencial para compreender determinadas escolhas e formas de execução.

3.3.2. Notas de Campo

As notas de campo constituem uma ferramenta essencial para o registo das observações realizadas no contexto investigativo. Como referem Bogdan e Biklen (1994), o investigador “introduz-se no mundo das pessoas que pretende estudar [...] elaborando um registo escrito e sistemático de tudo aquilo que ouve e observa” (p. 16). Os mesmos autores acrescentam que as notas de campo correspondem ao relato escrito daquilo que o investigador observa, escuta, experiência e interpreta ao longo do processo de recolha de dados, refletindo continuamente sobre os elementos que compõem o estudo qualitativo (Bogdan e Biklen, 1994).

Esta perspetiva é aprofundada por Máximo-Esteves (2008), que salienta que as notas de campo “incluem registos detalhados, descritivos e focalizados do contexto das pessoas” (p. 88), bem como “material reflexivo, isto é, notas interpretativas, interrogações, sentimentos, ideias, impressões que emergem no decorrer da observação” (p. 88). Estas anotações permitem captar a riqueza do momento vivido e contribuem para a compreensão das dinâmicas presentes no terreno.

As notas de campo são colocadas no diário de bordo, que de acordo com Coutinho (2023), “tem como objetivo ser o instrumento onde o investigador vai registando as notas retiradas das suas observações no campo” (p. 341), assumindo “não só, uma fonte importante de dados, mas também pode apoiar o investigador no desenvolvimento do estudo” (p. 341).

No decorrer das propostas, fui registando no diário de bordo notas de campo com observações relevantes, incluindo respostas espontâneas, bem como as diferentes

formas como interagiram com materiais e entre si. Estes apontamentos permitiram-me acompanhar de forma mais atenta as dinâmicas emergentes e refletir posteriormente, sobre os significados atribuídos pelas crianças às experiências vivenciadas.

3.3.3. Registo Fotográfico

O registo fotográfico é frequentemente utilizado para documentar visualmente situações observadas em contexto educativo. Bogdan e Biklen (1994) referem que “a utilização mais comum da câmara fotográfica é talvez em conjunção com a observação participante” (189), funcionando como um meio para “lembrar e estudar detalhes que poderiam ser descurados se uma imagem fotográfica não estivesse para os refletir” (p. 189).

Além da sua função metodológica, o registo fotográfico assume também um papel importante nas práticas do quotidiano educativo. Como aponta Máximo-Esteves (2008) “os registos fotográficos podem também ter como finalidade ilustrar, demonstrar e exhibir” (p. 91). Acrescentam ainda que os docentes “no seu quotidiano profissional, usam naturalmente a fotografia” (p. 91) não como fins artísticos, mas como “documentos que contenham informação visual disponível para mais tarde [...] serem analisadas e reanalisadas, sempre que tal seja necessário” (Máximo-Esteves, 2008, p. 91).

A realização do registo fotográfico revelou-se essencial não apenas para sustentar algumas das observações anotadas nas notas de campo, mas também para documentar visualmente os diversos momentos das atividades. Este tipo de registo funcionou como um complemento à observação direta, permitindo-me revisitar as situações e refletir sobre aspetos que, no decorrer da ação, não haviam sido o foco da atenção, mas que se revelaram posteriormente relevantes para a análise.

3.3.4. Registo Videográfico e Gravação de Áudio

A utilização de gravações áudio e vídeo em pesquisas qualitativas constitui uma estratégia comum para registar informação que, por vezes, não é possível captar apenas através da observação direta. Silva & Silva (2013) referem que “o registo áudio é

mais comum, nomeadamente nas entrevistas para possibilitar a sua transcrição” (p. 1055).

O registo em vídeo apresenta potencialidades específicas, sobretudo na captação de interações e comportamentos no contexto educativo. Segundo Bauer & Gaskell (2003) “o vídeo tem uma função óbvia de registos de dados sempre que algum conjunto de ações humanas é complexo e difícil de ser descritivo compreensivamente por um único observador” (p. 149).

A gravação em vídeo permite uma análise mais detalhada e a revisão de momentos que possam ter passado despercebidos numa observação inicial. Sousa (2009) destaca que “um grupo de observadores, através da videogravação, pode inteirar-se do que sucedeu [...] o que permite muitas vezes uma nova visão de situações particulares que anteriormente poderiam ter passado despercebidas” (p. 200).

As gravações de áudio e vídeo, tal como as fotografias, foram fundamentais para aprofundar a análise dos momentos observados. A possibilidade de rever momentos-chave, ouvir conversas durante as atividades e analisar as entrevistas possibilitou uma compreensão mais precisa dos comportamentos e interações, evitando interpretações precipitadas. Estes recursos valorizaram a qualidade do estudo e incentivaram-me a adotar uma postura investigativa mais cuidadosa e reflexiva.

3.3.5.Registos das crianças- Desenhos, Pinturas e Esculturas

A análise dos registos produzidos pelas crianças como, desenho, pinturas, esculturas, entre outros, podem contribuir significativamente para a compreensão do seu processo de aprendizagem. Máximo-Esteves (2008) destaca que “a análise dos artefactos produzidos pelas crianças é indispensável quando o foco da investigação se centra na aprendizagem” (p. 92). A autora refere que a análise dos artefactos é uma prática comum entre aqueles que buscam compreender o ritmo e o sentido da aprendizagem das crianças. Acrescenta ainda que a organização sistemática e cronológica da documentação desses registos permite acompanhar as transformações ao longo do tempo. (Máximo-Esteves, 2008).

Com base nesta importância dada por Máximo-Esteves (2008) à análise dos artefactos, procurei complementar estes registos com outras técnicas de recolha de

dados, como as notas de campo, os registos fotográficos e as gravações audiovisuais. Esta abordagem multidimensional permitiu uma triangulação que aprofundou a compreensão das representações e das interações das crianças com os materiais que tinham à sua disposição.

3.3.6. Entrevista com Crianças

A entrevista permite conhecer melhor a forma como os participantes interpretam as suas vivências. É uma técnica baseada na interação direta, elemento considerado essencial nesta abordagem (Carmo & Ferreira, 2008). Nessa linha, Coutinho (2023) destaca que “o investigador percebe a forma como os sujeitos interpretam as suas vivências” (p. 341).

Quando a entrevista é realizada a crianças, torna-se necessário adaptar o formato às suas características. A modalidade semiestruturada é considerada mais adequada, pois, segundo Máximo-Esteves (2008), permite “dar expressão à voz das crianças” (p. 100). A autora refere ainda que, o modelo tradicional de entrevista não se ajusta ao universo infantil. Por isso esta, recomenda que as entrevistas sejam “muito curtas e céleres” (p. 101), e que ocorram ao longo do dia, assumindo um tom lúdico, que “ajudam a transformar a entrevista numa situação de faz-de-conta, actividade que é familiar no mundo da infância” (p. 101).

A realização das entrevistas foi fundamental para compreender não apenas os significados que as crianças atribuíram às suas produções, mas também o seu grau de envolvimento nas atividades propostas. Através das suas palavras, foi possível identificar o que despertou mais interesse, curiosidade ou até mesmo frustrações. Esta experiência reforçou a importância de escutar atentamente as crianças e adaptar a condução das entrevistas às suas características, de modo a garantir que se sentem à vontade para expressar os seus sentimentos e vivências.

CAPÍTULO IV- CONTEXTO SOCIOEDUCATIVO

4.1. Caracterização da Instituição

A instituição de Educação Pré-Escolar onde foi realizado o estudo integra a rede pública e pertence a um agrupamento de escolas da Freguesia de Montemor-o-Velho, concelho de Coimbra. Localiza-se numa zona rural e destina-se exclusivamente a crianças dos 3 aos 6 anos. O horário letivo decorre das 9h00 às 15h30, enquanto a componente não letiva funciona das 7h30/8h00 às 9h00 e das 15h30 às 18h00.

A comunidade educativa é composta por três educadoras, sendo uma delas a coordenadora pedagógica da instituição, e por seis auxiliares de ação educativa. Embora a instituição não adote um modelo pedagógico específico, valoriza a escuta ativa das crianças, reconhecendo a importância das suas curiosidades e interesses no processo de aprendizagem. Através de uma abordagem colaborativa e participativa, incentivam a autonomia, permitindo que as crianças tenham um papel ativo na definição das atividades e na construção do conhecimento.

O edifício é composto apenas por um andar e está vedado ao seu redor. Dispõe de três salas destinadas a três grupos heterogêneos, composto por crianças dos 3 aos 6. Além disso, conta com uma sala destinada a Atividades de Animação e Apoio à Família (AAAF), um refeitório, uma casa de banho adaptada para as crianças, uma para adultos e outra para pessoas com necessidades educativas especiais. Existe também vários espaços para arrumos, tanto para uso pessoal como para o armazenamento de material didático. Todos os espaços são planeados de forma a proporcionar um ambiente adequado ao desenvolvimento das crianças.

O espaço exterior é utilizado, sempre que as condições meteorológicas assim o permitem, e está equipado com diversas infraestruturas que promovem o desenvolvimento motor, social e cognitivo das crianças. Entre os equipamentos disponíveis destacam-se baloiços, escorrega, mercearia, construída pelo pai de uma das crianças, um trampolim, uma caixa de areia, uma cozinha de lama e uma horta pedagógica.

A instituição mantém uma estreita colaboração com a comunidade local e recebe apoio de entidades municipais para realização de algumas atividades pedagógicas

externas. O ambiente é seguro e estruturado para proporcionar condições favoráveis ao bem-estar e à aprendizagem das crianças.

4.2. Caracterização do Grupo

O grupo era composto por 21 crianças, 8 do sexo masculino e 13 do sexo feminino, com idades compreendidas entre os 3 e os 6 anos. Todas as crianças possuíam nacionalidade portuguesa. Relativamente ao contexto familiar, a maioria pertencia a um nível socioeconómico médio-alto. Uma criança encontrava-se sob acompanhamento do Sistema Nacional de Intervenção Precoce na Infância (SNIPI) devido a comportamentos desafiadores e possíveis atrasos no desenvolvimento. No entanto, durante o período da investigação, não tinha sido diagnosticada com nenhuma necessidade educativa específica.

De um modo geral, as crianças demonstravam um elevado grau de autonomia nas rotinas diárias e nos momentos de brincadeira livre. Manifestavam curiosidade pelo meio envolvente e participavam ativamente nas diversas atividades, sobretudo as de idade mais avançada. As crianças mais novas, apesar de inicialmente revelarem alguma timidez, evidenciavam empenho e envolvimento nas atividades quotidianas.

No que se refere aos interesses do grupo, destacavam-se as atividades de faz de conta, as construções, os jogos de mesa e de chão. A expressão motora assumia um papel relevante, indo ao encontro da necessidade de movimento das crianças. Paralelamente, as artes visuais constituíam uma área de grande interesse comum, sendo frequentemente exploradas como meio de expressão individual, através de técnicas como a pintura, o desenho e as colagens.

Observava-se uma forte ligação afetiva do grupo com a instituição e os seus colaboradores, em especial com a educadora de infância, que demonstrava uma postura atenta e procurava ajustar as práticas pedagógicas às especificidades do grupo. A relação entre as famílias e a comunidade escolar era igualmente harmoniosa, sendo comum as crianças levarem alimentos de casa para partilhar com os pares, promovendo a cooperação e o sentimento de pertença no contexto institucional.

4.3. Descrição da Rotina

A rotina do grupo tinha início entre as 7h30 e as 8h00, quando as crianças eram recebidas pelas auxiliares de ação educativa na sala das AAAF, onde permaneciam até à chegada das educadoras, por volta das 9h30. Quando a educadora assumia o grupo, as crianças dirigiam-se para a sala. Lá, realizavam o registo de presenças, escolhiam a tarefa e registavam como se sentiam, através de um cartaz disponível no espaço.

Em seguida, realizava-se o momento de reunião matinal do grupo, onde uma das crianças, com o auxílio da educadora, escrevia no quadro o dia, o mês e o ano. Depois, cantava-se a canção do “Bom Dia”. Este também era um momento de partilha, em que as crianças podiam contar uma novidade, descoberta, ou mostrar algo que trouxessem de casa. A duração deste momento era de aproximadamente 35 minutos, sendo, em seguida, dado tempo às crianças para brincarem livremente até à hora do lanche.

O lanche da manhã ocorria por volta das 10h30, sendo seguido de um momento de brincadeira livre no exterior, dependendo das condições meteorológicas, ou por uma atividade orientada pela educadora. Às quartas-feiras o grupo tinha terapia da fala no horário após o lanche. Às 12h00, o grupo preparava-se para o almoço. Após a refeição as crianças de três anos realizavam a sesta na sala das AAAF, enquanto as restantes crianças brincavam no exterior até às 13h00.

Por volta dessa hora, o grupo regressava à sala para o momento de relaxamento, que tinha a duração de 30 minutos, podendo ser mais longo, dependendo da necessidade de cada criança. Durante esse momento, as crianças ficavam a descansar ou dormir conforme desejassem. Às quartas-feiras, este momento era substituído pela ida à piscina.

Após o relaxamento, retomavam-se as atividades que tinham sido iniciadas pela manhã ou as crianças brincavam livremente. Perto das 15h10, iniciava-se a organização da sala, e em seguida, fazia-se uma breve avaliação do dia. Caso houvesse tempo, era lida uma história para acalmar o grupo. O lanche da tarde acontecia por volta das 15h30, sendo que às quartas-feiras, era realizado após a ida à piscina, e às sextas-feiras, um pouco mais cedo devido à aula de inglês. A partir desse momento, o grupo ficava sob os cuidados das auxiliares de ação educativa.

A importância das rotinas em jardim de infância tem-se tornado cada vez mais evidente, pois são fundamentais para criar um ambiente estruturado e seguro, propício ao desenvolvimento e à aprendizagem. Segundo Bilória e Metzner (2013), “a rotina é responsável pela organização e cumprimento das metas pré-estabelecidas no dia-a-dia (...) visando, principalmente, o desenvolvimento integral da criança” (p. 6).

CAPÍTULO V- INTERVENÇÃO EDUCATIVA

5.1.Proposta de Intervenção “Mãos que Criam a Natureza”

A presente intervenção decorreu na prática pedagógica desenvolvida num grupo de crianças dos 3 aos 6 anos, na sequência de uma análise do contexto educativo, das dinâmicas da sala e da instituição, bem como do meio envolvente. Com base nessa análise, foi criado o projeto “Mãos que criam a natureza”, centrado na exploração articulada das artes visuais e da natureza, desenvolvida ao longo de quatro sessões. A introdução ao tema foi feita por meio da leitura da obra *Esta Flor É Minha!* de Alice Hemming (2023).

O projeto foi estruturado em momentos sendo estes, a realização de desenho à vista e recolha de materiais naturais, a pintura com elementos naturais e a produção de esculturas em barro integrando os materiais recolhidos. Inicialmente, previu-se que estas atividades ocorressem ao longo de uma única semana, de modo a garantir a continuidade e o envolvimento do grupo na temática.

No entanto, devido a dinâmicas institucionais, a primeira sessão, correspondente à leitura da história, ocorreu de forma isolada. Assim, a segunda sessão consistiu no percurso ao ar livre, no desenho à vista, e na recolha de materiais naturais, a terceira centrou-se na pintura com materiais naturais e a quarta teve como objetivo a construção de esculturas em barro. De modo a facilitar a compreensão e sequência das sessões apresento o seguinte diagrama.

Tabela 1 Síntese das sessões

Sessão 1 12/04/2024	Sessão 2 17/04/2024	Sessão 3 18/04/2024	Sessão 4 19/04/2024
-Leitura da História. Esta Flor É Minha! de Alice Hemming (2023). -Exploração da temática da Natureza.	-Passeio na Natureza. -Desenho à Vista. -Recolha de elementos da natureza.	-Pintura com elementos da Natureza.	-Esculturas com elementos da Natureza.

Enquanto as duas primeiras sessões foram realizadas com todas as crianças do grupo, a terceira e a quarta decorreram em pequenos grupos de crianças, permitindo que cada criança decidisse participar de acordo com os seus interesses e ritmo. Esta abordagem visou fomentar a autonomia infantil e uma participação ativa e espontânea no processo de aprendizagem.

As planificações das sessões do projeto (Apêndice 4) foram elaboradas em consonância com os interesses demonstrados pelo grupo e tendo como referencial as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (OCEPE). Embora o foco principal incidisse no desenvolvimento da criatividade através das artes visuais, as atividades propostas possibilitaram igualmente a exploração de outras áreas do conhecimento, como a área de formação pessoal e social, a área de expressão e comunicação, e a área do conhecimento do mundo, promovendo uma experiência educativa diversificada e enriquecedora.

5.2.Descrição das Sessões

5.2.1.Primeira Sessão “Leitura da História”

A primeira sessão foi realizada no dia 12 de abril de 2024, ao final da tarde. Este momento de leitura de história já fazia parte da rotina do grupo, proporcionando um ambiente propício para a transição entre as atividades do dia e um estado de maior tranquilidade.

Após todas as crianças estarem sentadas, deu-se início à leitura da história *Esta Flor É Minha!* de Alice Hemming (2023). Este livro já tinha sido previamente explorado pelo grupo durante as sessões de terapia da fala, realizadas semanalmente às quartas-feiras. Por ser uma narrativa familiar para as crianças do grupo, verificou-se a sua participação ativa durante a leitura manifestando interesse e atenção.

Concluída a leitura, seguiu-se uma breve exploração, na qual foram discutidos os animais e outros elementos presentes na narrativa. A escolha desta obra deveu-se ao facto de estarmos no início da primavera, período em que se observam diversas transformações na natureza, o que permitiu estabelecer uma ligação com a sessão seguinte, na qual se realizaria um percurso ao redor da instituição como parte da segunda sessão.

5.2.2. Segunda Sessão “Primavera pelos meus olhos”

A segunda sessão, intitulada de “Primavera pelos meus olhos”, foi realizada no dia 17 de abril de 2024, durante o momento matinal de reunião com o grupo. Após a canção de “*Bom dia*”, começou-se por relembrar a história *Esta Flor É Minha!* de Alice Hemming (2023). A partir dessa temática, estabeleceu-se uma ligação com as mudanças que estavam a ocorrer na natureza.

Questionou-se as crianças do grupo “O que existe ao redor da instituição?”. No entanto, num primeiro momento, não se obteve resposta. Com o apoio da educadora reformulou-se a questão, perguntando especificamente “O que é a natureza?”. Inicialmente, o grupo mostrou-se um pouco tímido, mas, progressivamente, as crianças começaram a partilhar as suas ideias, que foram registadas num suporte físico:

Criança MRTB: São as árvores.

Criança CRLN: As Folhas.

Criança BBR: É a Relva.

Criança GBL: São os Pássaros.

Criança MRM: As Flores.

Criança CML: As Pedras?

Criança MGL: As Nuvens?

(Notas de campo dia 17 de abril 2024)

Após esse momento de partilha de ideias confirmou-se que tudo que tinham dito fazia parte da natureza e aproveitou-se para sensibilizar o grupo sobre os cuidados que devemos ter com natureza. Explicou-se também que iríamos fazer um passeio na natureza e que deveriam levar um suporte rígido para desenhar, uma folha e um lápis.

Realizou-se um percurso pela natureza, com a duração de cerca de 35 minutos, durante o qual se exploraram os arredores da instituição. Parou-se num local onde se solicitou que realizassem um desenho do que estavam a observar. Após o momento, pediu-se também que recolhessem alguns elementos naturais (paus, pedras, folhas, flores entre outros) que estivessem soltos no chão.

Figura 1 Realização do Desenho à Vista*Figura 2 Recolha dos Materiais Naturais*

5.2.3. Terceira Sessão “Transformar a Natureza numa Folha”

A Terceira Sessão, denominada de “transformar a natureza numa folha”, foi realizada no dia 18 de abril de 2024, durante o momento da manhã, analisaram-se em grupo os materiais recolhidos no dia anterior. Para garantir a segurança das crianças, selecionaram-se previamente os materiais adequados (apêndice 5).

Após esse momento, organizou-se a atividade, que decorreu no exterior. Estruturou-se o espaço com tintas, os materiais recolhidos, folhas brancas, colas, tesouras e convidou-se inicialmente 4 crianças para realizar a atividade.

Como se tratava de materiais pouco habituais para atividades artísticas, explicou-se previamente o que deveriam fazer, mas sem dar muitas instruções. Pediu-se que representassem uma das suas partes favoritas da história, reforçando que apenas deveriam utilizar os materiais que tinham à sua disposição. Assim que cada criança terminava, convidava-se outra a participar, mas sempre dando a liberdade de escolha para que sentissem que não era uma imposição.

Durante a atividade, as crianças interagiram entre si e com a estagiária, partilhando ideias e explorando os materiais de forma colaborativa. Durante a realização

da atividade, as crianças foram expressando as suas experiências, como ilustram as seguintes afirmações:

Criança BBR: Eu preciso de muitos paus para fazer flores.

Criança MRM: Eu estou a fazer o Sol com o Pau.

Criança BBR: Como a parte que gostei mais foi das flores vou por uma flor.

Criança MF: Eu estou a fazer muitas borboletas diferentes com os paus.

Criança MF: Carimbei a Pedra.

Criança MRTMM: Estou a fazer cores novas. Deu azul-claro.

(Registo áudio dia 18 de abril de 2024)

De um modo geral, as crianças participaram com entusiasmo, apesar de em alguns casos estarem mais dispersas. Durante a atividade, percebeu-se que as crianças exploraram as múltiplas possibilidades dos materiais naturais. Realizaram diversas experimentações, como desenhar com paus, colar elementos naturais para compor as suas criações e carimbar com pedras entre outras explorações. Além disso, por estarmos no exterior, algumas crianças encontraram flores no chão e decidiram incorporá-las nas suas composições.

Figura 3 Realização de Pintura com Materiais Naturais



5.2.4. Quarta Sessão “Arte com os Tesouros da Natureza”

A quarta e última sessão chamada de “Arte com os Tesouros da Natureza”, foi realizada no dia 19 de abril de 2024, durante a tarde, após o momento de relaxamento do grupo. Enquanto as crianças descansavam preparou-se o espaço exterior, onde se dispuseram os materiais naturais que sobraram da sessão anterior e barro.

Após o momento de relaxamento, chamou-se um pequeno grupo para iniciar a atividade e perguntou-se se sabiam o que é barro, uma vez que não é um material com que convivam diariamente. Estas foram algumas respostas registadas:

Criança MRM: É massa?

Criança GBL: Parece que é Café.

Criança CRLN: É Plasticina.

Criança MF: Parece que é maquilhagem.

(Registo áudio dia 19 de abril de 2024)

Após esse momento, explicou-se de forma breve que teriam de construir uma das personagens do livro anteriormente trabalhado, utilizando apenas o barro e os materiais disponíveis. À semelhança da sessão anterior, esta atividade foi bem aceite pelo grupo, pois demonstraram empenho e dedicação na sua realização. As crianças exploraram diversas possibilidades, como inserir pedras e outros materiais naturais no barro, fazer furos com paus, moldá-lo com as mãos e desenhar sobre o barro utilizando os paus.

Figura 4 Realização das Esculturas



CAPÍTULO VI- APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

6.1. Apresentação e Análise dos Resultados

A recolha de dados foi uma etapa essencial para compreender de que forma a utilização de materiais naturais nas artes visuais pode favorecer o desenvolvimento da criatividade das crianças no Jardim de Infância. Sendo este um estudo de natureza qualitativa, os dados foram obtidos através de diferentes técnicas de recolha, como a observação, notas de campo, registos fotográficos e videográficos, gravação de áudio, registos das crianças (desenhos, pinturas e esculturas) e também entrevistas realizadas com as crianças que participaram nas diversas atividades do projeto.

Estas técnicas permitiram, observar como as crianças exploraram os materiais e recolher as suas opiniões sobre as atividades implementadas durante o projeto. Após as sessões descritas no Capítulo V– Intervenção Educativa, tornou-se relevante analisar o impacto que estas tiveram no desenvolvimento das crianças.

Tal como mencionado anteriormente, o projeto “Mãos que criam a natureza” procurou desenvolver várias áreas do conhecimento, presente nas OCEPE, entre as quais se destacam a área de formação pessoal e social, a área de expressão e comunicação, e a área do conhecimento do mundo. De seguida, apresento uma síntese que reflete as aprendizagens promovidas por Silva et al. (2016) nas OCEPE, que foram trabalhadas ao longo do projeto:

Tabela 2 síntese das aprendizagens promovidas durante as atividades

Atividade	Área de Conteúdo	Aprendizagem a Promover
-Leitura da História Esta Flor É Minha!” de Alice Hemming (2023) -Primavera pelos meus olhos -Transformar A Natureza Numa Folha -Arte com os Tesouros da Natureza"	Área de Formação pessoal e Social	-Desenvolvimento da criatividade; -Partilha das aprendizagens com o grupo; -Ser capaz de ensaiar diferentes estratégias para resolver as dificuldades e problemas que se lhe coloca; -Participar no processo de aprendizagem;

-Primavera pelos meus olhos -Transformar A Natureza Numa Folha -Arte com os Tesouros da Natureza"	Área de Expressão e Comunicação	-Desenvolver capacidades expressivas e criativas através de experimentações e produções plásticas;
-Primavera pelos meus olhos -Transformar A Natureza Numa Folha -Arte com os Tesouros da Natureza"	Área do Conhecimento do mundo	- Manifestar comportamentos de preocupação com a conservação da natureza e respeito pelo ambiente.

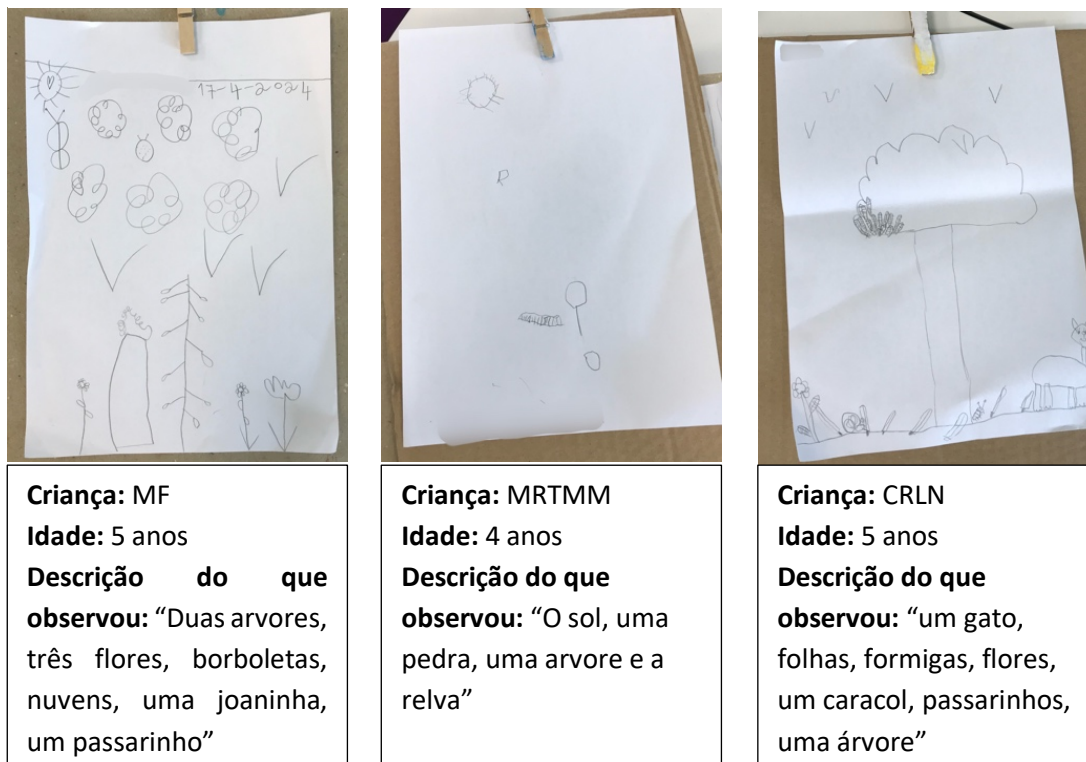
Este foi estruturado em quatro sessões. A primeira sessão teve como finalidade introduzir a temática da natureza, servindo de ponto de partida para as atividades seguintes. Para isso foi apresentada a história *Esta Flor É Minha!* de Alice Hemming (2023), já conhecida pelo grupo e pela qual as crianças demonstravam carinho. Durante a leitura, como já referido, o grupo demonstrou-se bastante atento e participativo.

Sessão 2 “Primavera pelos meus olhos”

Na segunda sessão, todas as crianças participaram ativamente. Durante o passeio, o grupo demonstrou grande entusiasmo e alegria, estando claramente em sintonia com o ambiente. Como refere Neto (2020) “a magia da natureza pode ser percebida através de experiências realizadas em espaços naturais” (p. 152). Tal como tinha sido conversado anteriormente com o grupo, recolheram paus, pedras, folhas e outros elementos encontrados no chão, demonstrando ter compreendido a importância de preservar o meio ambiente.

Ao chegarem ao local onde se realizaria o desenho à vista, as crianças produziram desenhos variados, mesmo todos tendo o mesmo cenário à sua disposição. Os desenhos (apêndice 7) revelam não só a forma como cada criança observa o ambiente, mas também a expressão pessoal.

Figura 5 Resultados da Sessão 2 "Primavera pelos meus olhos"



Esta sessão demonstrou como a criatividade permite a cada criança transformar uma realidade comum numa expressão única e pessoal. Apesar de todas partirem do mesmo cenário, os elementos representados variaram significativamente, revelando não apenas níveis de observação, mas também projeções da imaginação. Como destaca Gonçalves (1991), "todos os indivíduos são potencialmente criativos" (p. 23), e esse potencial manifestou-se nas produções pois as crianças adicionaram elementos que não estavam presentes no local, como borboletas ou joaninhas, o que ilustrou a capacidade simbólica e expressiva das crianças. No final, todas as crianças avaliaram positivamente a atividade, e algumas manifestaram vontade de repetir. Este entusiasmo revela não só o envolvimento, mas também o prazer no processo criativo.

Sessão 3 "Transformar a Natureza Numa Folha"

Na terceira sessão, como referido anteriormente, participaram apenas as crianças que demonstraram interesse pela atividade, totalizando 13. Ao longo da realização da proposta, todas mostraram entusiasmo e envolvimento. As crianças partilharam entre

pares as descobertas feitas, criando um ambiente de colaboração e troca de ideias. Estas interações proporcionaram um espaço para o desenvolvimento de competências sociais, como a partilha e o respeito pelas ideias dos outros. Como destacam Silva et al. (2016) “ao demonstrarem atitudes de tolerância, cooperação, partilha, sensibilidade, respeito [...] as crianças [reconhecem] a importância desses valores e [apropriam se] deles” (p. 33).

Durante a exploração dos materiais naturais, as crianças envolveram-se rapidamente com os elementos disponíveis, atribuindo-lhes diferentes funções. Utilizaram paus, folhas, pedras e outros materiais para representar a sua parte favorita da história. Como referem Bilton et al. (2017) durante a utilização de materiais naturais “a criança descobre diferentes [utilizações] para os objetos, atribuindo-lhes funções e significados distintos” (p. 49), o que ficou evidente no modo como as crianças interagiram com os materiais e lhes deram novos significados ao longo da atividade.

Apesar de partirem de um mesmo indutor as produções (apêndice 8) revelaram ideias distintas, evidenciando a forma como cada criança desenvolveu a sua própria interpretação. Durante a atividade, duas das crianças recolheram flores do chão, demonstrando também uma exploração e atenção do ambiente ao seu redor. Esse gesto evidenciou a curiosidade natural das crianças, algo que Santos et al. (2021) sublinham, “a criança é um ser curioso por natureza, gosta e necessita de explorar, tocar, sentir, experienciar novas e diferentes situações” (p. 132).

Figura 6 Resultados da Sessão 3 "Transformar a Natureza Numa Folha"



Criança: BBR

Idade: 5anos

Descrição da representação: “Fiz as flores, e árvore com esquilo”



Criança: CRMNH

Idade: 4 anos

Descrição da representação: “Eu fiz a partes todas a minha vontade, fiz o esquilo”



Criança: MRTMM

Idade: 4 anos

Descrição da representação: “Eu fiz o esquilo e o sol”

Esta sessão permitiu às crianças não só explorar a natureza de forma criativa, mas também construir, através das suas interações, uma compreensão mais profunda do mundo à sua volta. A atividade promoveu uma aprendizagem ativa e colaborativa na qual as crianças tiveram de negociar, partilhar ideias e ceder materiais entre si, desenvolvendo competências como a cooperação, a empatia e o respeito mútuo.

Sessão 4- “Arte com os Tesouros da Natureza”

Na quarta e última sessão deste projeto participaram 10 crianças. Tal como na sessão anterior, a participação foi voluntária, respeitando sempre o interesse e a vontade de cada criança. A proposta foi bem aceite pelo grupo participante e foi realizada com entusiasmo e empenho.

O manuseamento do barro, por ser um material pouco familiar no quotidiano das crianças, causou inicialmente alguma estranheza. No entanto, ao longo da atividade as crianças passaram a moldá-lo com curiosidade, testando formas utilizando materiais recolhidos na sessão 2 para complementar as suas esculturas. Como refere Hanscom (2018) “quando os sentidos se envolvem, fortalecem as competências sensoriais” (p. 67), o que se evidenciou na forma como as crianças exploraram o barro e os materiais naturais.

Ao contrário das sessões anteriores, nesta atividade a imaginação das crianças ultrapassou o esperado. Esta diversidade vai ao encontro da perspetiva de Costa & Rocha (2019) de que a “a imaginação [...] não é um dom inato, mas algo que precisa ser desenvolvido na pessoa” (p. 3). As esculturas (apêndice 9) revelaram uma grande diversidade pois algumas das crianças representaram cenários inspirados na história enquanto outras criaram personagens que não existiam na mesma, demonstrando liberdade criativa e autonomia na construção das suas ideias.

Figura 7 Resultados da Sessão 4 "Arte com os Tesouros da Natureza "



Criança: MRTMM

Idade: 4 anos

Descrição da representação: “Fiz os amigos da floresta da história e a árvore do esquilo”



Criança: GNÇL

Idade: 3 anos

Descrição da representação: Fiz árvores com os paus e os amigos da história”



Criança: ME

Idade: 3 anos

Descrição da representação: “Só fiz pedras”

Tal como nas atividades anteriores, esta sessão promoveu o desenvolvimento de competências sociais como a partilha, a cooperação e a escuta ativa. Além disso, reforçou a ligação com o meio natural, revelando o seu potencial enquanto recurso promotor da criatividade. Ficou evidente que as crianças procuraram representar aquilo que imaginavam, utilizando de formas expressivas os materiais disponibilizados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conclusão

Ao longo do presente relatório, foram apresentadas as componentes teórica, metodológica e prática que sustentaram o desenvolvimento do projeto de investigação “Mãos que criam a Natureza”, orientado pela questão, **“De que forma a utilização de materiais naturais nas artes visuais pode favorecer o desenvolvimento da criatividade das crianças no jardim de infância?”**. Este estudo revelou o potencial educativo da integração do meio natural nas artes visuais, promovendo vivências significativas que estimularam o desenvolvimento integral do grupo.

A Investigação, ancorada na metodologia de investigação-ação, demonstrou que a articulação entre as artes visuais e os recursos naturais potenciam a autonomia, a imaginação e a expressão simbólica. As atividades propostas desafiaram o grupo a atribuir novos significados aos elementos recolhidos, permitindo criações únicas. Este processo destacou o meio natural como um espaço pedagógico privilegiado, capaz de ampliar os horizontes criativos e expressivos.

Neste processo, procurei adotar uma postura atenta e sensível, ajustando a minha atuação às necessidades e interesses do grupo. Favoreci a exploração autónoma dos elementos, incentivando escolhas próprias e a expressão livre de ideias. Neste sentido, enquanto observadora participante, intervim apenas quando necessário, respeitando os ritmos individuais, o que permitiu momentos de imaginação e criatividade. Esta abordagem proporcionou um ambiente onde as crianças se sentiram livres para criar, atribuindo novos significados aos recursos sem pressão externa.

As propostas desenvolvidas ao longo do projeto favoreceram o desenvolvimento de diversas competências. A nível pessoal e social destacaram-se a cooperação, a partilha, a escuta e a gestão conjunta dos materiais, o que promoveu interações positivas entre as crianças. No domínio de expressão e comunicação, foram observadas novas formas de criação e apropriação simbólica dos materiais naturais, evidenciando-se um progresso na criatividade e na linguagem expressiva. A realização das atividades no exterior contribuiu para uma relação mais próxima com o meio natural, possibilitando experiências sensoriais significativas e o despertar de uma maior consciência ecológica.

A realização destas propostas no exterior permitiu ao grupo respirar ar puro, libertando-se dos espaços fechados e luzes artificiais que tantas vezes marcam o seu quotidiano. Durante as sessões, as crianças brincaram, correram, recolheram elementos da natureza e observaram com calma o que as rodeava. Houve tempo para parar, para observar, para simplesmente estar, algo que nos dias de hoje se encontra cada vez mais ausente. A possibilidade de viver este tempo sem pressa e com liberdade de movimento foi essencial para o envolvimento do grupo, favorecendo uma ligação espontânea e autêntica com o espaço exterior.

Este projeto contribuiu significativamente para o meu desenvolvimento pessoal e profissional. Através da sua concretização, compreendi, o valor das investigações em educação. Ao acompanhar todas as fases deste processo, desde a observação inicial até à análise dos resultados, percebi a importância de olhar para o contexto educativo de forma mais atenta, questionadora e sensível. Esta experiência permitiu-me refletir sobre o papel do educador como alguém que escuta, observa, propõe e acompanha com intencionalidade educativa, em vez de se limitar à transmissão de conhecimentos. Ao assumir esta postura, é possível promover práticas pedagógicas mais reflexivas e centradas no grupo de crianças.

O presente estudo teve como objetivo principal analisar de que forma a relação entre as artes visuais e os materiais naturais podem estimular a criatividade. Como objetivos específicos, procurou-se analisar a importância das artes visuais na Educação Pré-Escolar; compreender o papel da criatividade no desenvolvimento das crianças que frequentam o Jardim de Infância; identificar de que forma os materiais naturais contribuem para o desenvolvimento infantil e para a criatividade; perceber de que modo a articulação entre as artes visuais e a natureza estimula a criatividade e explorar estratégias diversificadas para a implementação das artes visuais no contexto de Jardim de Infância.

A análise dos dados recolhidos ao longo das quatro sessões realizadas permitiu verificar que todos os objetivos definidos foram atingidos. A utilização de materiais naturais nas atividades de expressão plástica revelou-se eficaz na promoção da criatividade. As crianças exploraram os materiais de forma livre, sensorial e criativa, atribuindo múltiplas funções a um mesmo objeto, de modo a concretizar as suas ideias. A articulação entre natureza e arte favoreceu uma maior ligação do grupo ao meio

envolvente, sendo visível que as crianças compreenderam que os elementos naturais podem ter diversas utilidades, mas que exigem cuidado e respeito.

As estratégias adotadas mostraram-se adequadas para estimular a autonomia, o pensamento crítico e a criatividade. O espaço concedido à exploração livre permitiu transformar elementos da natureza em produções artísticas. Assim conclui-se, que a integração dos materiais naturais nas artes visuais, em contexto de Jardim de Infância, potencia o desenvolvimento global da criança e contribui para uma educação mais sensível, consciente e respeitadora da criança e do meio que a rodeia.

Neste sentido, é essencial que outras educadoras reconheçam a importância de aproximar as crianças do meio natural e de estimular a criatividade, sobretudo através das artes visuais. É desejável que levem elementos naturais para a sala, criando ambientes que convidem à exploração e à expressão livre, sem imposições excessivas. É igualmente importante que o educador mantenha uma escuta atenta às necessidades de cada grupo, favorecendo contextos abertos à expressão individual, à criatividade e ao desenvolvimento de cada criança.

Como futura educadora, levo comigo a convicção de que a natureza deve estar presente na vida das crianças desde cedo. Nos contextos em que vier a exercer, procurarei criar oportunidades para integrar o meio natural nas artes visuais e nas rotinas diárias não apenas como recurso pedagógico, mas como um espaço privilegiado para o crescimento, a expressão e o encontro com o mundo. Esta ligação construída com tempo, presença e intencionalidade, pode promover o desenvolvimento integral das crianças e cultivar, desde cedo, uma relação mais sensível com o ambiente, preparando as crianças para serem indivíduos mais atentos e responsáveis face ao mundo que as rodeia.

Limitações do Estudo

O planeamento do projeto “Mãos que Criam a Natureza” enfrentou limitações que condicionaram o seu desenvolvimento. A principal esteve relacionada com as condições meteorológicas, uma vez que as propostas, desenvolvidas no exterior, exigiam um tempo favorável. Contudo durante parte do período previsto, as condições adversas impediram a realização das sessões conforme o planeado, exigindo ajustes no cronograma.

Outra dificuldade surgiu da necessidade de articular o projeto com as propostas já calendarizadas pela educadora e com outras atividades a desenvolver com o grupo. Como a minha presença na instituição se limitava a três dias por semana, e as quartas-feiras estavam ocupadas com duas atividades extracurriculares realizadas em tempo letivo, o tempo disponível acabou por ser reduzido.

Apesar de os objetivos terem sido alcançados, gostaria de ter organizado uma exposição para as famílias, pois isso teria enriquecido o projeto. Esta partilha, além de valorizar o envolvimento das crianças, poderia sensibilizar os familiares para a importância do contacto com o meio natural no desenvolvimento infantil, promovendo uma maior consciencialização sobre o seu potencial educativo e reforçando a ligação entre a comunidade e o contexto educativo. Esta não se realizou porque a exposição exigia um momento específico para reunir os pais do grupo, apresentar as atividades realizadas e promover uma conversa de sensibilização sobre a importância de incluir a natureza no dia a dia das crianças. No entanto, não me articulei de forma suficiente para garantir que isso acontecesse, pelo que optei por não a realizar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Alarcão, I. (2001). Professor-Investigador: Que Sentido? Que Formação. *Formação Profissional de Professores no Ensino Superior*, 1, 21-31.

Barros, M.I.A., Menezes, P.M. & Morais, R.J. (2018). *Desemparedamento da Infância: A Escola como Lugar de Encontro com a Natureza*. (2). Alana/Programa da Criança e Natureza.

Bauer, M.W.& George, G. (2003). *Pesquisa Qualitativa com Texto, Imagem e Som: Um Manual Prático*. (2). Editora Vozes Ltda.

Bilória, J. F., & Metzner, A. C. (2013). A Importância da Rotina na Educação Infantil. *Revista Fafibe On-Line*, 6(6), 1-7.
<https://www.unifafibe.com.br/revistasonline/arquivos/revistafafibeonline/Sumario/28/11122013185355.Pdf>

Bilton, H., Bento, G., & Dias, G. (2017). *Brincar ao Ar livre: Oportunidades de Desenvolvimento e de Aprendizagem Fora de Portas*. Porto Editora.

Bogdan, R.C. & Biklen, S.K. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação: Uma Introdução à Teoria e aos Métodos*. Porto Editora.

Botelho, M. & Carolina, D. (2021). À Descoberta da Arte na Educação de Infância. *Escola Moderna*, 9, 57-65.

Bourriaud, N. (2009). *Estética Relacional*. Martins Fontes.

Carmo, H. & Ferreira, M. M. (2008). *Metodologia da Investigação: Guia para Autoaprendizagem*. (2). Universidade Aberta.

Cavalcanti, J. (2006). A Criatividade no Processo de Humanização. *Saber (e) Educar*. (11), 89-98.

<http://repositorio.esepf.pt/bitstream/20.500.11796/698/1/SeE11CriatividadeCavalcanti.pdf>

Correia, M. C.B.C. (2009). A Observação Participante Enquanto Técnica de Investigação. *Pensar Enfermagem*, 13, 30-36.
<https://pensarenfermagem.esel.pt/index.php/esel/article/view/32/29>

Costa, R.M.J. & R.M.S.P.M.L. (2019). Mediações Para o Desenvolvimento da Imaginação e a Criatividade Na Educação Infantil Através do Stop Motion. *Educativa*, 22, 1-21.
<https://seer.pucgoias.edu.br/index.php/educativa/article/view/6282/4500>

Coutinho, C.C. (2023). *Metodologia de Investigação em Ciências Sociais e Humanas: Teoria E Prática*. (2ª.). Edições Almedina.

Coutinho, C.P., Sousa, A., Dias, A., Bessa, F. Ferreira, M.J & Vieira, S. (2009). Investigação-Ação: Metodologia Preferencial nas Práticas Educativas. *Psicologia Educação E Cultura*, 12, 355-380.
https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/10148/1/Investigação_Accção_Metodologias.PDF

Creswell, J. W. (2010). *Projeto de Pesquisa: Métodos Qualitativo, Quantitativo e Misto*. Artemed.

Denscombe, M. (2010). *The Good Research Guide: For Small-Scales Social Research Projects*. (4). Mcgraw-Hill.

Dias, A. & Moura, K. (2007). Criatividade na Rede: A Potencialização de Ideias Criativas em Ambientes Hipertextuais de Aprendizagem. *Ciências & Cognição* (12), 62-71.
<http://revista.cienciasecognicao.org/index.php/cec/article/view/645/427>

Dierssen, M. (2019). *O cérebro artístico: A Criatividade Segundo a Neurociência*. Atlântico Press.

Dohme, V. A. (2004, dezembro 6-10). Atividades Lúdicas na Educação: O Caminho de Tijolos Amarelos do Aprendizado. [comunicação]. Textos Integrante dos Anais do XVII Encontro Regional de História: O Lugar da História, Campinas. <http://legacy.anpuh.org/sp/downloads/CD%20XVII/ST%20VIII/Vania%20DAngelo%20Dohme.pdf>

Folque, M.A. (2006). A Influência de Vigostsky no Modelo Curricular do Movimento da Escola Moderna para a Educação Pré-Escolar. *Escola* 5, 5-12. https://dspace.uevora.pt/rdpc/bitstream/10174/3523/3/assun_rev51%20Vygotsky%20Escola%20Moderna.pdf

Fonseca, A. F. (1998). *A Psicologia da Criatividade*. Universidade Fernando Pessoa.

Fonseca, A.L.C.L. (2012). *Potencialidades da Atividade Lúdica na Educação Pré-Escolar e no Ensino Básico*. [Relatório de Estágio, Universidade de Aveiro]. Repositório da Universidade dos Açores. <https://repositorio.uac.pt/entities/publication/6c06c6a1-a62d-458f-bde7feaa3be5642>

Freire, L.G.L. (2007). O Papel da Escola na Importância da Criatividade. *A Página da Educação*. (170). 46. https://www.apagina.pt/Download/PAGINA/SM_Doc/Mid_2/Cat_170/Anexos/aPagina170AgoSet2007.pdf

Garcês, S. & Pocinho, M. (2018). Creativity and Education: “It`s not Rocket Science”? In S. Garcês & M. Pocinho (Eds.), *Psicologia da Criatividade*. (pp.88-102). Universidade da Madeira. <https://digituma.uma.pt/entities/publication/1a2cdb0a-d406-4098-b7f3-ea1e1c33e35e>

Gloton, R. & Clero, C. (1997). *A Atividade Criadora na Criança*. Editorial Estampa.

Godinho, J. C. & Brito, M. J. (2010). *As Artes no Jardim de Infância: Texto de Apoio para Educadores de Infância*. Ministério da Educação.

Gonçalves, A (2004). *Métodos e Técnicas de Investigação Social Programa, Conteúdo e Métodos de Ensino Teórico e Prático*. Universidade Do Minho.

Gonçalves, E. (1991). *A Arte Descobre a Criança*. Raiz Editora, Lda.

Hanscom, A. J. (2018). *Descalços e Felizes: Como a Brincadeira ao Ar Livre Contribui para Criar Crianças Fortes, Confiantes e Capazes*. (3). Livros Horizonte.

Kemmis, S. (2006). Participatory Action Research And The Public Sphere. *Educational Action Research*, 14, 459-476.

L'Ecuyer, C. (2017). *Educar na Curiosidade: Como Educar num Mundo Frenético e Hiperexigente?*. Planeta Manuscrito.

Lima, R. F. (2019). Brincadeiras de Faz-De-Conta: Abrindo Caminhos na Criatividade Infantil. In B. N. Batista, J. A. Araújo, V. C. Santos, J.S. Medeiro & W. B. Gurgel. (Eds.). *Formação e Prática Docente: Tecendo Saberes na Educação*. Itacaiúnas.

Mónico, S. L., Alfredo, R. V., Castro, P. A. & Parreira, P. M. (2017). A Observação Participante Enquanto Metodologia de Investigação Qualitativa. *Investigação Qualitativa em Ciências Sociais*, 3, 724-733.

Moser, V. M. D. N. (2015). *A Necessidade da Promoção da Atividade Criadora no Pré-Escolar*. [Dissertação de Mestrado, Instituto Superior de Educação e Ciências]. Repositório Comum. <https://comum.rcaap.pt/entities/publication/4cf43563-fae6-4e8f-9cd6-22986797f777>

Moura, A. (2003). Desenho de Uma Pesquisa: Passos de Investigação-Ação. *Educação*, 28, 9-31. <https://periodicos.ufsm.br/reveduacao/article/view/4321/2542>

Neto, C. (2020). *Libertem as Crianças: A urgência de Brincar e Ser Ativo*. Contraponto.

Pinto, C. L. & Tavares. H. M. (2010). O Lúdico na Aprendizagem: Apreender e Aprender. *Revista da Católica*, 2 (3), 226-235. <https://jogoscooperativos.wordpress.com/wp-content/uploads/2012/06/lc3badico.pdf>

Pocinho, M. & Garcês, S. (2018). *A Psicologia da Criatividade*. Universidade da Madeira.

Post, J. & Hohmam, M. (2003). *Educação de Bebés em Infantário: Cuidados e Primeiras Aprendizagens*. Fundação Calouste Gulbenkian.

Ré, A. H. N.(2010). Crescimento, Maturação e Desenvolvimento na Infância e Adolescência: Implicações para o Esporte. *Motricidade*, 7 (3), 55-67.

Reis, R. (2003). *Educação pela Arte*. Universidade Aberta.

Ribeiro, A. (2018). *O Ministério da Criatividade: Teorias e Práticas Criativas, mas artes, na Vida Quotidiana e na Educação*. Afrontamento, Lda.

Salomão, H.A.S., Martini, M. & Jordão, A.P.M. (2007). A Importância do Lúdico na Educação Infantil: Enfocando a Brincadeira e as Situações de Ensino Não Direcionado. Portal Dos Psicólogos. https://www.academia.edu/25422659/A_IMPORTÂNCIA_DO_LÚDICO_NA_EDUCAÇÃO_INFANTIL_ENFOCANDO_A_BRINCADEIRA_E_AS_SITUAÇÕES_DE_ENSINO_NÃO_DIRECIONADO

Santos, L.C.F. (2023). A Expressão Plástica e a Natureza: Dinâmicas em Contexto de Creche. [Dissertação de Mestrado, Instituto Politécnico de Coimbra. Escola Superior de Educação de Coimbra]. Repositório Comum.

<https://comum.rcaap.pt/entities/publication/2655896a-6831-4b66-8d68-281e64db56db>

Santos, L.C.F., Paiva, B., Espada, S.M., Silva, P. (2021). A eExpressão Plástica e a Natureza: Dinâmicas em Contexto de Creche. In F. Martins, L. Mota & Espada. (Eds.). *A Formação de Professores e Educadores das Políticas às Práticas Supervisionadas*. Instituto Politécnico de Coimbra. Escola Superior de Educação de Coimbra. <https://owncloud.esec.pt/index.php/s/gXHKLv3g4ovVJHA>

Santos, T.S. & Menezes, A.M.C. (2021). A Importância do Lúdico no Processo de Ensino Aprendizagem e no Desenvolvimento Infantil. *Revista de Psicologia*, 5, 660-668. <https://idonline.emnuvens.com.br/id/article/view/3353/5263>

Sarmiento, T., Ferreira, F.L.& Madeiro R. (2017). *Brincar e Aprender na Infância*. Porto Editora.

Seabra, J.I.C.S. (2015). *A Importância da Criatividade e o Papel do Professor na Sua Promoção*. (Dissertação De Mestrado, Escola Superior De Educadores De Infância Maria Ulrich). [Repositório Comum]. <https://Comum.Rcaap.Pt/Entities/Publication/4b1ba05e-1716-485d-8d51-E42883020d3d>

Silva, A.S. (2000). *A educação Artística e a Promoção das Artes na Perspectiva das Políticas Públicas*. Ministério da Educação.

Silva, E.A. (2013). As Metodologias Qualitativas de Investigação nas Ciências Sociais. *Revista Angolana De Sociologia*, 12, 1-23. <https://journals.openedition.org/ras/740>

Silva, I. L., Marques, L., Mata, L., & Rosa, M. (2016). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Lisboa: Ministério Da Educação/Direção-Geral Da Educação (DGE). https://www.dge.mec.pt/Ocepe/Sites/Default/Files/Orientacoes_Curriculares.Pdf

Silva, R. & Silva, P. (2013). O Contributo dos Métodos Qualitativos nas Investigações em Contabilidade de Gestão. *Indagatio Didactica*, 5, 1047-1063.
<https://proa.ua.pt/index.php/id/article/view/4486/3402>

Sousa, A.B. (2019). *Educação pela Arte e Artes na Educação: Música e Artes Visuais*. (2.a ed, Vol.3). Edições Piaget.

Sousa, B.A. (2009). *Investigação em Educação*. (2). Livros Horizonte.

Souza, J.M. & Veríssimo, M.L.R. (2015). Desenvolvimento Infantil: Análise de um Novo Conceito. *Latino-Am Enfermagem* 23 (6), 1097-1104.
<https://www.scielo.br/j/rlae/a/37zgmVWz6vbm9YbBGTb5mbB/?format=pdf&lang=pt>

Unesco (2006). *Roteiro para a Educação Artística: Desenvolver as Capacidades Criativas para o Século XXI*. Comissão Nacional da Unesco.

Webber, M.S.S. (2020). Conexão entre a Criança e a Natureza. In M. M. S. Damasceno. (Ed.). *Relação Sociedade-Natureza, Saúde e Educação: Reflexões Multidisciplinares*. (12-25). Quipá.
<https://educapes.capes.gov.br/bitstream/capes/583436/1/LIVRO%20SOCIEDADE%20NATUREZA.pdf>

Zanon, S. (2018). *Educando na Natureza*. Ecofuturo.

APÊNDICES

Apêndice 1- Entrevista aplicada as crianças

1. Gostaste de realizar atividade?
2. O que mais gostaste nesta atividade?
3. Explica a um pouco do que representaste?
4. O que achaste dos materiais que utilizaste na atividade?
5. Se voltarmos a fazer esta atividade o que mudaria?

Apêndice 2- Pedido de Autorização para Recolha de Imagem



PEDIDO DE AUTORIZAÇÃO PARA RECOLHA DE IMAGENS

Exmo (a) Sr.(a) Encarregado de Educação

Eu, Leonia Tatiana Dos Santos Ferreira, aluna do Mestrado em Educação Pré-Escolar no Instituto Politécnico de Coimbra - Escola Superior de Educação, em Prática Educativa I realizada no Jardim de infância X, solicito a sua autorização para a recolha de imagem (fotografia e vídeo) do seu educando(a), no âmbito das atividades letivas concretizadas, como o processo de observação e de intervenção, do projeto de estágio e do relatório final que irei desenvolver. As imagens e vídeos realizados servirão unicamente para fins académicos estando a identidade e privacidade das crianças assegurada.

A Aluna: _____

PEDIDO DE AUTORIZAÇÃO PARA RECOLHA DE IMAGENS

Autorizo/Não autorizo a recolha de imagem do meu educando _____

Assinatura do encarregado de educação:

Apêndice 3- Rotina diárias do Grupo

Tabela 3 Rotinas Diárias

Horário	Momentos da Rotina
7:30/9:30	Chegada das crianças e acolhimento pelas auxiliares de ação educativa
9:30/10:00	Marcar as presenças Marcar o “como te sentes hoje?” Marcar a tarefa Canção do "Bom Dia" Reunião com grupo
10:00/10:30	Brincadeira livre
10:30/11:00	Lanche da manhã
11:00/12:00	Terapia da fala(30min) Atividade Proposta pela Educadora, Brincadeira Livre Ou Brincadeira no exterior
12:00/13:30	Almoço Brincadeira no exterior
13:30/14:30	5 minutos de leitura Relaxamento
14:30/15:10	Continuação de atividades começadas de manhã e Brincadeira livre Piscina (quartas-Feiras)
15:10/15:30	Organização da Sala Avaliação do Dia Leitura da História
15:30/16:00	Lanche da Tarde
16:00/18:00	Atividades de animação e apoio a família (AAF)

Apêndice 4 – Proposta de intervenção “Mãos que criam a Natureza”

Tabela 4 Planificação das sessões

Proposta De Intervenção Didática “Mãos que criam a Natureza” 17 a 19 de Abril					
Momento	Descrição da proposta	Tempo	Grupo	Intencionalidade educativa	Recursos
Atividades Da Manhã 9:30/10:20 (Sexta-Feira 12 de abril) 50 Minutos 21 Crianças	“Leitura da História Esta Flor É Minha!” de Alice Hemming (2023) Etapas: 1º. Durante o momento de reunião da manhã, entraremos na primavera através da leitura da história Esta Flor É Minha!” de Alice Hemming (2023). 2º. Após a leitura será realizado um pequeno diálogo com o grupo. Neste será questionado o que sabem sobre esta estação e se estes já observaram transformações na natureza ao redor da instituição.	15’ 10’	GG	- Participação no processo de aprendizagem; - Partilha das aprendizagens com o grupo; - Compreender que a leitura e a escrita são atividades que proporcionam prazer e satisfação.	- História “Esta Flor é Minha!” de Alice Hemming Material de recolha: -Notas de Campo;
Atividades Da Manhã 9:30/10:20 (Quarta-Feira 17 de abril) 50 Minutos 21 Crianças	“Primavera pelos meus olhos”: Etapas: 1º. Em seguida será realizada uma saída de campo para explorar os arredores da instituição. Convidar algumas das crianças a levarem consigo lápis e folhas para registar as suas observações e desenhos da primavera estas poderão desenhar uma paisagem ou um elemento da natureza que viram que representem esta estação. 2º. Durante a caminhada será realizada uma breve conversa sobre a importância de cuidar e preservar a natureza sendo	5’	GG	- Participação no processo de aprendizagem; - Desenvolvimento da criatividade; - Partilha das aprendizagens com o grupo; - Manifestar comportamentos de preocupação com a conservação da natureza e respeito pelo ambiente.	-Lápis; -Folha; -Suporte Para O Desenho; -Saco; Material de recolha: -Registo Fotográfico;

	destacada os cuidados necessários para proteger o meio ambiente. 3º. Enquanto algumas crianças realizam o desenho à vista as restantes crianças ficam responsáveis por apanhar elementos naturais, como paus, pedras, folhas e flores. Durante esse momento será voltado a reforçar a importância de recolhê-los do chão para preservar o ecossistema local. 5º. Ao retornar à instituição, reuniremos todos os elementos recolhidos pelo grupo. Aproveitando essa oportunidade para explorar conceitos matemáticos, como classificação, contagem e medição, enquanto organizamos e manipulamos os materiais da natureza recolhidos. Esta atividade oferece uma experiência educativa e envolvente, permitindo que as crianças explorem a natureza e expressem a sua criatividade através da imaginação e aprendam conceitos matemáticos de maneira prática e significativa.	10'			- Questionário;(Apêndice 1)
		5'			
		20'			
		10'			
Atividades Da Manhã 11:00/11:40 (Quinta-Feira 18 de abril) 50 Minutos 10 Crianças	“Transformar A Natureza Numa Folha” Etapas: 1º. Reunir 5 crianças do grupo. Caso o tempo permita colocar os materiais naturais recolhidos pelo grupo na parte exterior. Adicionar materiais, como cola, papel, tintas, e tesouras, para as crianças usarem nas criações. 2º. Pedir às crianças que reproduzam a sua parte favorita da História “Esta Flor É Minha!” de Alice Hemming. Deixar as crianças explorarem livremente os elementos naturais, deixando-as tocar, sentir e experimentar as diferentes texturas e formas.	5'	GP	- Desenvolvimento da criatividade; -Ser capaz de ensaiar diferentes estratégias para resolver as dificuldades e problemas que se lhe colocam; -Desenvolver das capacidades expressivas e criativas através de experimentações e produções plásticas.	Papel Manteiga Ou Papel Cavalinho; -Objetos Da Natureza; -Tintas; -Cola; -Tesouras; Material de recolha: -Registo Fotográfico; -Registo Videográfico;
		20'			

	3º. Incentivar as crianças a fazerem composições e construírem as suas próprias criações utilizando os elementos disponíveis. Ajudar e intervir, se necessário. 4º. Encorajar as crianças a registarem as suas criações colocando os elementos em uma folha de papel. Estas podem pintar com os elementos da natureza colá-los ou arranjara-los de forma a representar as suas ideias. 5º. No final da atividade, fazer um breve questionário às crianças envolvidas na atividade, incentivando-as a partilhar as suas ideias e experiências. 6º. Após 20 minutos repetir com o outro grupo de crianças. Esta atividade irá proporcionar uma oportunidade valiosa para as crianças explorarem a sua criatividade através das composições visuais utilizando os materiais da natureza. Permite às crianças desenvolverem habilidades sensoriais e conectarem-se com a natureza.	5'			- Questionário;(Apêndice 1)
Atividades Da Manhã 11:00/11:50 (Sexta-Feira 19 de abril) 50 Minutos 10 Crianças	"Arte com os Tesouros da Natureza" Etapas 1º. Dispor os Materiais da natureza recolhidos pelo grupo e o barro. Estes devem estar dispostos de forma organizada e acessível ao grupo de crianças. Isso permitirá que estas tenham liberdade para explorar e escolher os elementos que desejam utilizar nas suas esculturas. A atividade será realizada por dois grupos de 5 crianças. 2º. Desafiar o grupo de crianças a criarem uma escultura de uma das personagens da história "Esta Flor É Minha!" de Alice Hemming, utilizando apenas os materiais que tem ao seu dispor.	5'	GP	- Desenvolvimento da criatividade -Ser capaz de ensaiar diferentes estratégias para resolver as dificuldades e problemas que se lhe colocam; -Desenvolver das capacidades expressivas e criativas através de experimentações e produções plásticas;	-Elementos Da Natureza; -Barro; Material de recolha: -Registo Fotográfico; -Registo Videográfico; -Entrevista; (Apêndice 1)

	3º. Encorajar as crianças durante o processo criativo dando-lhes apoio caso estas se sintam inseguras. Estas podem pintar as esculturas depois de secas caso desejem. 4º. Ao final da atividade, fazer um breve questionário as crianças envolvidas na atividade, incentivando-as a compartilhar as suas ideias e experiências. 5º. Após 20/30 minutos repetir com o outro grupo de crianças. Durante a atividade será proporcionada uma oportunidade de construção valiosa para as crianças pois estes iram-se conectar com a natureza e desenvolver habilidades artísticas, explorando a sua imaginação enquanto criam esculturas com elementos da natureza.	5' 20'			
--	---	----------------------	--	--	--

Legenda**GG-** Grande Grupo**GP-**Pequeno Grupo**I-**Individual

Apêndice 5- Materiais Recolhidos

Figura 8 Materiais recolhidos na sessão 2

Folhas



Flores



Pedras



Paus



Apêndice 6 - Registo Das Sessões

Figura 9 Registo da Sessão 2 “Primavera pelos meus olhos”



Figura 10 Registo da Sessão 3 “Transformar a Natureza Numa Folha”

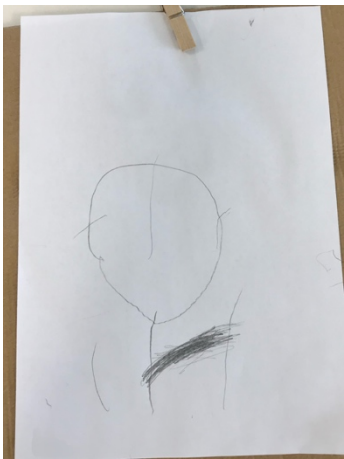
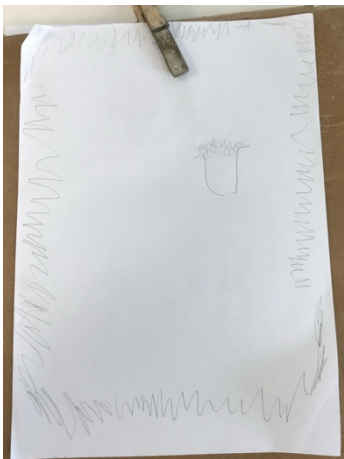
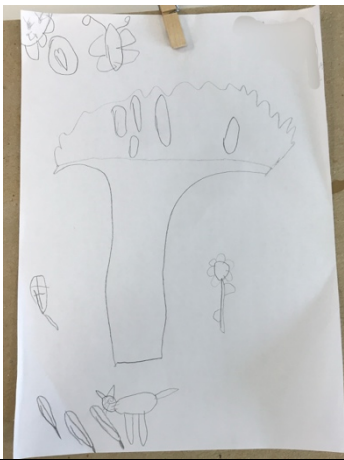


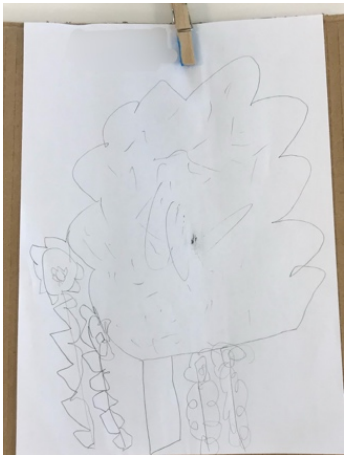
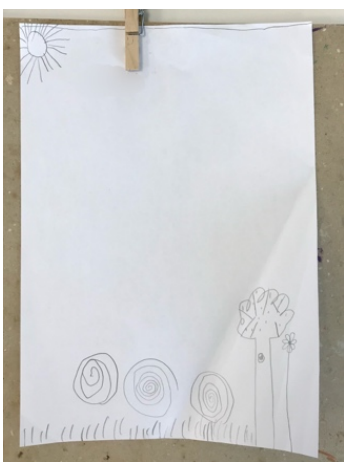
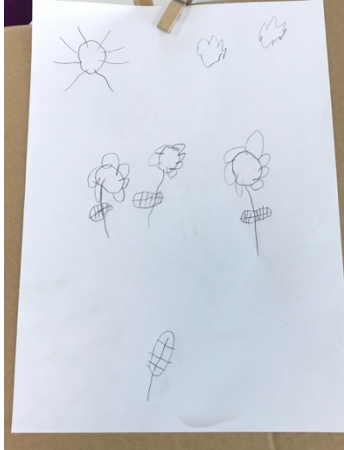
Figura 11 Registo da Sessão 4 “Arte com os tesouros da Natureza”

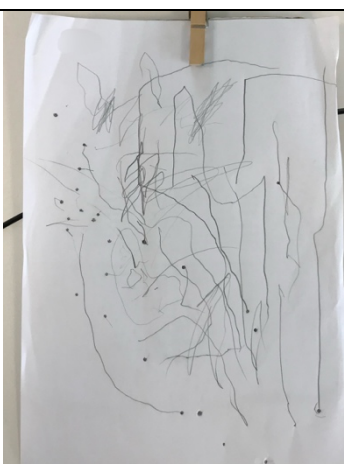
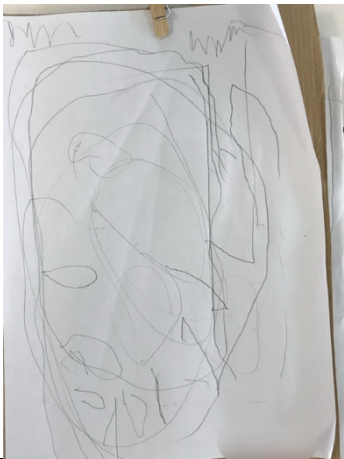
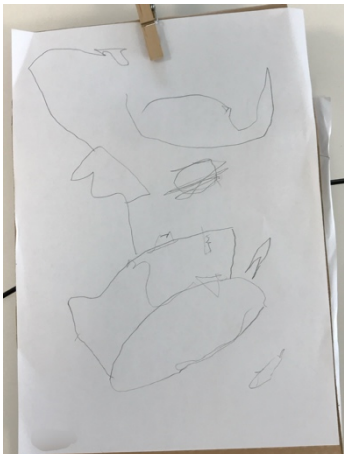


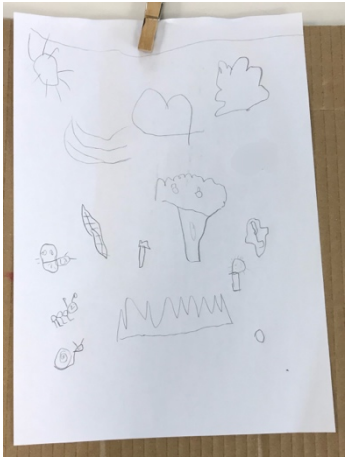
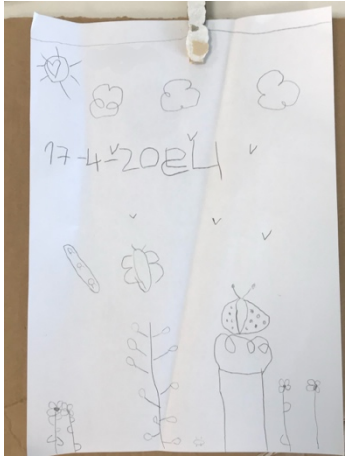
Apêndice 7- Resultados Sessão 2 “Primavera pelos meus olhos”

Tabela 5 Resultados da Sessão 2 " Primavera pelos meus olhos "

Desenho	Significado atribuído
	Criança: LTC Idade: 3 anos Descrição do que observou: “uma arvore”
	Criança: MRTMB Idade: 4 anos Descrição do que observou: “Relva arvores”
	Criança: CMLL Idade: 5 anos Descrição do que observou: “Borboleta, uma flor, um gato, arvore com limões”

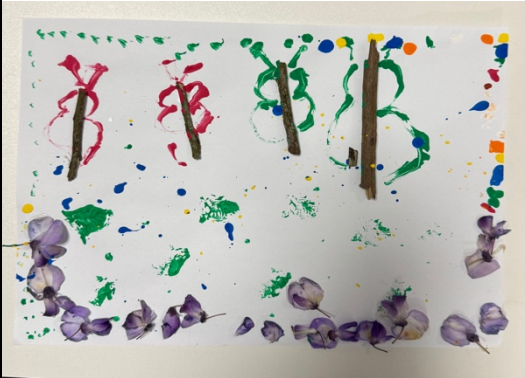
	Criança: GBL Idade: 4 anos Descrição do que observou: “Um arvore e flores e flores”
	Criança: MR Idade: 5 anos Descrição do que observou: “Vi rolhos de palha, vi muitas arvores, vi muitas flores, vi também o sol e as nuvens e as ervas”
	Criança: CRLT Idade: 3 anos Descrição do que observou: “Folhas, duas nuvens, flores e um sol”

	Criança: DNS Idade: 3anos Descrição do que observou: “Buracos”
	Criança: SNTG Idade: 3 anos Descrição do que observou: “Homem aranha”
	Criança: GNÇL Idade: 3 anos Descrição do que observou: “Nuvens, vento, flores”

	Criança: MRM Idade: 5 anos Descrição do que observou: “O sol as nuvens, o vento, a erva, as folhas, uma formiga, um caracol, uma arvore, flores, uma pedra e um dente-de-leão”
	Criança: ME Idade: 3 anos Descrição do que observou: “Folhas, uma arvore”
	Criança: BBR Idade: 5 anos Descrição do que observou: “Quatro flores, três nuvens, borboletas, joaninhas, o céu, o sol e as nuvens”

Apêndice 8- Resultados Sessão 3 “Transformar a Natureza Numa Folha”

Tabela 6 Resultados da Sessão 3 " Transformar a Natureza Numa Folha"

Desenho	Significado atribuído
	Criança: CRLNT Idade: 4 anos Descrição da representação: “Fiz uma flor e um sol”
	Criança: MF Idade: 5 anos Descrição da representação: “Fiz pintinhas, flores a volta, borboletas, e carimbo com pedras”
	Criança: CRLN Idade: 5 anos Descrição da representação: “Fiz Flores, pintinhas a volta e uma borboleta”

	Criança: CML Idade: 5 anos Descrição da representação: “Fiz o vento borboletas e também fiz uma flor, e uma arvore”
	Criança: MRM Idade: 5 anos Descrição da representação: “Fiz o sol, o céu, a relva, folhas e flores, e aqui são bocaditos de água a ir para cima da flor”
	Criança: MRTMB Idade: 4 anos Descrição da representação: “As nuvens e erva”

	Criança: MR Idade: 5 anos Descrição da representação: “Isto é aquela parte esta flor é minha não é tua”
	Criança: MGL Idade: 3 anos Descrição da representação: “Fiz uma Folha aqui e uma coisa aqui e isto é uma coisa que viveu dentro da folha”
	Criança: GNÇL Idade: 4 anos Descrição da representação: “Fiz uma árvore”
	Criança: GBRL Idade: 4 anos Descrição da representação: “O esquilo a escavar o buraco colorido da arvore”

Apêndice 9- Resultados Sessão 4 “Arte com os tesouros da natureza”*Tabela 7 Resultados da Sessão 4 "Arte com os Tesouros da Natureza"*

Desenho	Significado atribuído
	Criança: CRL Idade: 5 anos Descrição da representação: “Fiz um caracol”
	Criança: MR Idade: 5 anos Descrição da representação: “Fiz a floresta, aqui é a saída, os paus são arvores a folha é arvore muito alta”

	Criança: MRF Idade: 4 anos Descrição da representação: “Fiz um caracol”
	Criança: CML Idade: 5 anos Descrição da representação: “Fiz um caracol com carapaça partida porque ele estava a andar muito rápido e caiu”
	Criança: MGL Idade: 3 anos Descrição da representação: “Fiz uma árvore, mas sem folhas, e uma pedrinha que está na floresta”

	Criança: MRM Idade: 5 anos Descrição da representação: “As pedras são os animais, o topo da casa e a folha é a porta, e os paus são as árvores”
	Criança: GBL Idade: 4 anos Descrição da representação: “Fiz uma árvore”
	Criança: CRLNT Idade: 3 anos Descrição da representação: “Fiz a árvore do esquilo”

